**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**
**CAMPUS CHAPECÓ**
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**
**CURSO DE HISTÓRIA**

**CAINÃ PAULINO OLIVEIRA**

# **ÁGUIA QUE RAPINA E BOTA QUE PISOTEIA:** A CHEGADA DO CAPITAL INTERNACIONAL E A VIOLÊNCIA NA REGIÃO DO CONTESTADO

**CHAPECÓ**
**2024**

**CAINÃ PAULINO OLIVEIRA**

# **ÁGUIA QUE RAPINA E BOTA QUE PISOTEIA:** A CHEGADA DO CAPITAL INTERNACIONAL E A VIOLÊNCIA NA REGIÃO DO CONTESTADO

Trabalho de Qualificação de dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Delmir José Valentini

**CHAPECÓ**

**2024**

**BIBLIOTECAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS**

Oliveira, Cainã Paulino
ÁGUI QUE RAPINA E BOTA QUE PISOTEIA: A CHEGADA DO CAPITAL INTERNACIONAL E A VIOLÊNCIA NA REGIÃO DO CONTESTADO / Cainã Paulino Oliveira. -- 2024.
94 f.

Orientador: DOUTOR José Delmir Valentini

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Chapecó,SC, 2024.

1. HISTÓRIA DO MOVIMENTO DO CONTESTADO. I. Valentini, José Delmir, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**CAINÃ PAULINO OLIVEIRA**

# **ÁGUIA QUE RAPINA E BOTA QUE PISOTEIA:** A CHEGADA DO CAPITAL INTERNACIONAL E A VIOLÊNCIA NA REGIÃO DO CONTESTADO

Trabalho de Qualificação de dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 28/02/2024

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr. Delmir José Valentini – UFFS
Orientador

_____

Prof. Dr. Paulo Zarth – UFPR
Avaliador

_____

Prof. Dr. Emerson da Silva Neves – UFFS
Avaliador

_____

Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino – UFFS
Avaliador Suplente

Dedico este trabalho à minha mãe, que
na escuridão me protegeu, e no caminho
da luz me iluminou.

## AGRADECIMENTOS

Com muito carinho e muito zelo por estes que me apoiaram, agradeço imensamente a todos que estiveram comigo nessa caminhada.

Agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul que me acolheu, me ensinou e meu todo suporte necessário para concluir esta etapa.

Agradeço aos professores que me apoiaram e me auxiliaram com seu conhecimento ao longo da graduação e no PPGH, que se empenham muito para fortalecer a pesquisa e o desenvolvimento cientifico na região da Fronteira Sul.

Agradeço à FAPESC e a CAPES por possibilitar, mediante financiamento, a bolsa de pesquisa, garantindo a minha dedicação ao PPGH.

Agradeço muito aos colegas de graduação e de mestrado, pelo desenvolvimento intelectual em conjunto, com discussões valiosas e calorosas. Em especial, agradeço aos colegas Rafael, João e Ricardo, que nunca me faltaram com apoio.

Agradeço imensamente a minha banda Caboco Operário, que ajudou a tornar a graduação um momento mais agradável e com proposito.

Agradeço também meus amigos de caminhada Matheus e Victor, que mesmo muito distante, sempre foram suporte ao longo dessa caminhada.

Agradeço meu orientador Dr. José Delmir Valentini, que se empenhou em me auxiliar, e nunca pestanejou nas horas de me dar broncas e sugestões valiosas.

Agradeço aos membros desta banca, em especial ao Dr. Paulo Zarth que me encorajou muito, mesmo me conhecendo tão pouco.

Agradeço a Franciele Gabriela Gregorato Santos, que está do meu lado desde a etapa final da dissertação, sendo suporte emocional e fonte inspiradora.

Agradeço aos meus irmãos, Caiubi e Liara, que sempre estiveram do meu lado, me protegendo.

Agradeço à minha mãe, Niobe, que com muito cuidado e carinho, sempre me apoiou em todas as minhas escolhas.

*Duas coisas bem distintas*
*uma é o preço, outra é o valor*
*quem não entende a diferença*
*pouco saberá do amor*
*da vida, da dor, da glória*
*e tampouco dessa história*
*memória de cantador.*[1]

## RESUMO

[1] Trecho da música o "Encontro de Lampião com Eike Batista" da banda nacional El Efecto.

Este trabalho apresenta uma reflexão crítica sobre a violência do Estado em prol de interesses econômicos no conflito que envolveu pequenos posseiros, caboclos e indígenas de um lado, e membros do poder local, como grandes chefes políticos e fazendeiros do outro, denominado Guerra do Contestado entre 1912 – 1916. O problema deste trabalho é perceber a disposições repressivas do Estado no período Republicano, período este marcado pela modernização das Forças Armadas, tanto as suas instruções militares, seus arsenais de guerra, táticas de combate e a forma com que se recrutavam os soldados. Além disso, é dever considerar os princípios modernizantes da República baseados no progresso e na busca por uma nova visão da sociedade sobre as forças armadas, cujo século XIX foi circunscrito, fazendo com que ficassem marcas na memória das populações que sofreram com a violência. Neste sentido, a crítica que se faz é que a violência empregada pelas forças armadas contra as populações mais pauperizadas da sociedade nada mais é do que a legitimação da violência pelo próprio Estado e, no caso do Contestado, ocorre em via dos interesses na Economia Política.
Palavras-Chave: Forças Armas; República; Estado; Economia Política.

## ABSTRACT

This work aims to present a critical reflection on State violence in favor of economic interests in the conflict that involved small squatters, caboclos and indigenous people on one side, and members of local power, such as major political leaders and farmers on the other, called War of the Contestado between 1912 – 1916. The problem of this work is to understand the repressive dispositions of the State in the Republican period, a period marked by the modernization of the Armed Forces, both their military instructions, their war arsenals, combat tactics and the way in which soldiers were recruited. Furthermore, it is necessary to take into account the modernizing principies of the Republic based on progress and the search for a new vision of society regarding the armed forces, whose 19th century was circumscribed, leaving marks in the memory of populations that suffered from violence. In this sense, the criticism that is made is that the violence used by the armed forces against the most impoverished populations in society is nothing more than the legitimization of violence by the State itself and, in the case of the Contestado, it is largely due to interests in the Political economy.
Keywords: Arms Forces; Republic; State; Political economy.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – RESUMO DAS EXPEDIÇÕES MILITARES ENVIADAS AO CONTESTADO (1905 - 1916)..... 59

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| EFSPRG | Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande |
| BRC | Brazilian Railway Company |

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO ..... 12**
**2 IMPERIALISMO, ESTADO BRASILEIRO MODERNO E DISCURSOS OFENSIVOS CONTRA POSSEIROS DA REGIÃO DO CONTESTADO ..... 21**
2.1 A REPÚBLICA BRASILEIRA E O CAPITAL DESCOBRIRAM A REGIÃO DO CONTESTADO ..... 22
2.2 DISCURSOS E JUSTIFICATIVAS DO PROGRESSO CIVILIZADOR ..... 26
2.3 VIOLÊNCIA OPRESSIVA, VIOLÊNCIA DE RESISTÊNCIA E VIOLÊNCIA FRATRICIDA ..... 34
**3 O EXERCÍCIO DA VIOLÊNCIA DO ESTADO E DO CAPITAL INTERNACIONAL NA REGIÃO DO CONTESTADO ..... 43**
3.1 O ENCONTRO ENTRE O PROGRESSO E A VIDA TRANQUILA NOS REDUTOS ..... 44
3.2 DISPOSIÇÃO E CAPACIDADE BÉLICA DO ESTADO ..... 50
3.3 FORÇAS PARTICULARES DE SEGURANÇA DO CAPITAL ..... 61
**4 ORGANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA SERTANEJA ..... 65**
4.1 VIDA SIMPLES E PRESENÇA DE MONGES E CURANDEIROS ..... 66
4.2 IRMANDADE E SOLIDARIEDADE ..... 70
4.3 ORGANIZAÇÃO E PRÁTICAS NOS REDUTOS ..... 70
4.4 TÁTICAS DE COMBATE E RESISTÊNCIA CABOCLA ..... 73
**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 78**
**6 FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 83**
**7 ANEXOS – FOTOGRAFIAS ..... 86**

# 1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisou o contexto da chegada e da instalação das empresas do grupo da *Brazil Railway Company* na Região do Contestado[2] e o processo de violência contra o modo de vida da população local, que resistiu as transformações impostas pelo capital internacional. A população brasileira na região do Contestado, era composta principalmente por camponeses [3]devotos dos monges, além da presença indígena na região[4]. Os caboclos abandonaram as moradias tradicionais e passaram a conviver em redutos ou cidades santas após os conflitos políticos e econômicos que deram início ao Movimento do Contestado.

O processo de instalação de forças do capital internacional, na sua fase imperialista de atuação, construiu o último trecho da ferrovia São Paulo-Rio Grande entre as grandes bacias hidrográficas dos rios Iguaçu ao norte e Rio Uruguai ao sul, além de promover projetos de colonização e extração comercial e industrial madeireira na Região do Contestado. A população local, cuja grande maioria ocupava as terras enquanto posseiros, foram desalojados e outra lógica de produção se instalou, não sem um processo contínuo de violência utilizado na consolidação das empresas do poderoso grupo de empresas de capital norte-americano.

---

[2] Região do Contestado. Assim denominamos uma vasta zona tempera em uma região fria, com um intenso inverno chegando a temperaturas abaixo de zero, podendo provocar até geadas. Essa área é rica em água, em uma zona formada pelos rios Negro, Iguaçu, Pelotas e Uruguai. Ninguém padece de sede, nem mesmo o gado, as plantas e as pessoas. Em uma região serrana, está localizada por volta de 1500 metros acima da Serra do Mar. Rica em pinheiros, araucárias e o mate que dão característica única da paisagem que o cerca. No entanto o solo era pouco humoso, fazendo com que o solo fosse fraco para a recepção da lavoura. A alimentação comum, era aquilo que poderia colher das florestas e dos rios. Não faltava alimento, passou a faltar com as intensas queimadas para criação de animais, além da rápida exploração da madeira após o início da chegada dos colonizadores.

[3] Caboclos, Mestiços e Lavrados são denominações para um mesmo grupo étnico e social. "Caboclo a priori é o nome dado à população resultante da miscigenação entre homens brancos e indígenas. Darcy Ribeiro em sua obra "O Povo brasileiro" (1995) trata dos principais aspectos relacionados a esses sujeitos, especialmente aos habitantes da Amazônia. Já o caboclo do Contestado é o sujeito resultante da mistura étnica entre indígenas, homens brancos e negros que por diferentes motivos aportaram na região, no Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, onde foram se fixando, criando suas famílias e construindo um modo de vida tão rico e diverso [...]". (MACHADO, 2017, p. 2).

[4] Antes da chegada dos conquistadores, nestas terras viviam "os Kaigang, que cultivavam o milho e preferiam levantar aldeias nos campos abertos, e os Xocrén, os quais falavam uma língua pertencente ao mesmo tronco, mas desconheciam o cultivo da terra, e, praticando a coleta e a caça, percorriam em constantes correrias o âmago das florestas de araucárias, que lhes serviam de refúgio e abrigo" (QUEIROZ, 1966, p. 10).

A violência utilizada ganhou enormes proporções, lançada mão pela própria empresa estrangeira com sua guarda paramilitar particular, com forças do Estado republicano brasileiro nos níveis estaduais com as forças de segurança e federal com a mobilização e atuação de quase metade do exército brasileiro e com mercenários contratados denominados de vaqueanos que tinham conhecimentos sobre a Região. A resistência dos caboclos aconteceu inicialmente com formas de organização inspiradas em líderes messiânicos e expectativas de um exército encantado de São Sebastião[5], gradativamente tirando proveito e se familiarizando com as táticas e as armas impostas pelos colonizadores, ocorrendo um banho de sangue e genocídio.

Este estudo abrangeu o período que foi da Proclamação da República até o final da denominada Guerra do Contestado, auge das práticas bélicas intensas ocorridas na Região do Contestado. Além de buscar entendimentos sobre a chegada e a atuação do grupo de empresas estrangeiras, também foi analisado o papel do Estado brasileiro na recém-proclamada República com suas ideias de progresso e trabalho, favorecendo a atuação do capital internacional e promovendo um processo de ocupação rural intensa, principalmente com a instalação de colonos estrangeiros ou seus descendentes ocupantes de outras regiões do Brasil. Os moradores locais foram alijados do seu modo de vida tradicional e, através da violência, impedidos de continuar com seus costumes e práticas culturais antigas.

O grupo estrangeiro, além de adquirir enormes áreas de terras, também obteve a concessão de uma quantidade de até 15 quilômetros de extensão de cada lado da estrada de ferro que ziguezagueava a Região do Contestado[6]. No ano de 1911 iniciou as atividades industriais e madeireiras e instalou os primeiros colonos imigrantes. O despejo dos primeiros posseiros e as formas violentas de desalojar quais resistiram, marcaram o modo violento de ação contra a população local que passou a seguir um suposto novo

[5] [...] padroeira da localidade de Perdizes Grandes, onde residiam muitos fiéis do monge, como as famílias de Euzébio Ferreira dos Santos e Manuel Alves de Assumpção Rocha. Em homenagem ao santo padroeiro, os caboclos haviam construído uma igreja, numa região mais elevada do lugarejo, em cuja vizinhança ergueram também algumas casas que só eram ocupadas por ocasião dos festejos, quando aparecia gente das mais distantes regiões. (AURAS, 2001, p. 72).

[6] De acordo com os termos da concessão, a Brazilian Railway Company ganhou um total de 15.894km² no intui de vende-las para os colonizadores europeus. Passando pelo trecho da estra do ferro na região do Contestado, em território catarinense, a EFSPRG recebeu um total de 6.696km² de terras, equivalente a 276.694 alqueires, ou, 6.695.994.800m².

monge, líder que aglutinou a população no primeiro reduto que surgiu no interior do município de Curitibanos.

A violência imposta pelos guardas e capangas particulares dos empreendimentos das empresas estrangeiras impulsionou os moradores locais a se aglutinar em torno do monge curandeiro José Maria, criando laços fraternos de colaboração coletiva, buscando resistir em conjunto à repressão violenta já experimentada. Os encontros bélicos maiores não demoraram e o próprio monge morreu no primeiro confronto com as forças de segurança do Estado do Paraná. Antes deste episódio, denominado Combate do Irani, já haviam sido afugentados do interior de Curitibanos pelas forças de segurança do Estado de Santa Catarina.

Não demorou e as proporções alarmantes da violência chegou ao auge com a participação efetiva do exército brasileiro no massacre da população local, cercada nos redutos e combatida nas leis de guerra pelas forças do governo republicano brasileiro. O saldo foi de milhares de brasileiros pobres mortos numa guerra fraticida. Em 1916, já com o movimento enfraquecido e fragmentado, as terras disputadas ou contestadas entre Estados, foram divididas e estabelecido um acordo. Os empreendimentos capitalistas continuaram atuando na retirada de madeiras, vendendo terras e explorando por 40 anos o recém instalado transporte ferroviário.

Para a população sertaneja sobrou o massacre e nenhuma forma de assentamento nas terras que sempre viveram. Além dos milhares que pagaram o preço da resistência com a morte, sobrou aos sobreviventes o estigma de fanáticos, desordeiros, ignorantes, impatrióticos e desajustados que ousaram desafiar a ordem e o progresso da nação que chegou na Região do Contestado cobrando um custo alto.

A fundamentação teórica deste estudo encontrou lastro em diversos pesquisadores, incluindo resultados de pesquisas publicadas em artigos e bibliografias escolhidas num quadro amplo e complexo, sobretudo autores de concepções marxistas e da história social, que compõem o debate principal sobre temas como a violência, imperialismo e capital internacional, *Brazil Railway Company* e Estado brasileiro da primeira República.

Nos possíveis diálogos estabelecidos com a história social e com a perspectiva marxista da história, encontramos autores como Duglas Teixeira Monteiro (1974), Paulo Pinheiro Machado (2004), Rogério Rosa Rodrigues (2008) destacando como se

materializou a violência no Contestado, sobretudo, apontando a extinção de boa parte da identidade cabocla e das populações sertanejas. Autores marxistas como Clóvis Moura (1974), Octávio Ianni (1987), Frantz Fanon (1961) contribuem significativamente com o entendimento sobre o fenômeno da violência contra o negro e o miscigenado em países colonizados ou de intensificação da exploração capitalista e, assim, permitiu aprofundar o nosso olhar particular sobre a população da Região do Contestado.

Outros autores também marxistas darão a contribuição final para o entendimento sobre a relação de dependência, uma relação subalterna aos interesses do capitalismo internacional,[7] se tornando indispensável a sua compreensão para entendermos a atuação do Exército em relação ao meio em que se desenvolvia. Surgem nestes campos autores como Augustín Cueva (1983), Ruy Mauro Marini (2000) e Hans Joas (2005). Com isso, percebemos através destas leituras que o problema da violência no Brasil, está embricado no controle da sociedade civil, sobretudo das populações mais pauperizadas e marginalizadas da sociedade, mediante um controle repressivo por parte das Forças Armadas em tempos de conturbações políticas e de passagem tardia do *modus* de produção escravista para o capitalista.

Uma leitura imprescindível se tornou a obra de Maurício Vinhas de Queiroz (1966) *Messianismo e Conflito Social: A Guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)*, que apontou resultados de uma pesquisa fundamentada também em fontes orais, que não só ajudou a entender os mecanismos do processo inicial da colonização no Oeste de Santa Catarina no início do século XX, como também nos apresentou, através da história social e da sociologia, os efeitos e causas deste projeto colonizador. O autor nos mostra a precariedade do trabalho de pequenos agregados dos grandes latifundiários, e também dos trabalhadores explorados pela *Southern Brazil Lumber and Colonization Co.*, que

[7] [...] o resultado de um processo no qual as burguesias dos estados mais poderosos abusam das nações economicamente débeis, aproveitando exatamente essa condição, uma vez que esses abusos perpetuam e até aprofundam tal debilidade, reproduzindo em escala ampliada, ainda que em modalidades variantes, os mecanismos básicos de exploração e dominação. [...] que consistiu essa debilidade inicial – que em nosso caso se identifica com a "herança colonial" – e a configuração que a partir dela foram adquirindo as novas nações em sua primeira etapa de vida independente. Pois é claro que a plena incorporação da América Latina ao sistema capitalista mundial, quando este alcança seu estágio imperialista no último terço do século XIX, não ocorre a partir de um vazio, e sim sobre a base de uma matriz econômico-social preexistente, ela mesma moldada em estreita conexão com o capitalismo europeu e norte-americano em sua fase proto imperialista. CUEVA, Augustín. *O Desenvolvimento do Capitalismo na América Latina*. São Paulo: Global Editora. 1983, p. 19.

trabalhavam muitas vezes em "condições semelhantes à de escravos." (QUEIROZ, 1966). Destacou, ainda, aspectos da cultura e do mundo do sertanejo e da sua luta pela terra.

Outras fontes também pesquisadas, principalmente aquelas que dispuseram dos dados oficiais sobre os órgãos repressivos de Estado, como nos relatórios militares, sobretudo do Marechal Fernando Setembrino de Carvalho, relatório do Demerval Peixoto, do Regulamento Para os Exercícios de Cavalaria Brasileira publicado em 1908, entre outros documentos, para entendimentos sobre as táticas de combate do exército e as formas que estes perceberam a resistência dos sertanejos do Contestado.

Além destes, outros documentos e bibliografias elaboradas pelos 'historiadores de farda[8]' nos foram valiosos para entender a posição ideológica de representantes da força de Estado no conflito bélico. Boa parte destes documentos se encontram disponíveis e de fácil acesso na Biblioteca Digital Nacional e estas fontes indicadas em cada citação feita.

A literatura marxista aponta as questões da violência, no eixo das disputas por terras e no estabelecimento dos meios de produção e da propriedade privada. Neste sentido, visamos estabelecer vínculo desta constatação com o Movimento do Contestado, percebemos a emergência de correlacioná-lo ao problema de raça[9], que terá espaço neste trabalho as reflexões elucidadas na obra "O Negro: do bom escravo ao mau cidadão" de Clóvis Moura (1977).

Neste sentido, para o nosso trabalho a contribuição da obra de Clóvis Moura (1977) está voltada para a sua percepção sobre as formas de exclusão previamente estabelecida sobre o negro e o miscigenado. Na condição de uma etnia e classe subalterna, os dispositivos de controle do Estado e da sociedade compreendem o negro e o miscigenado em posição desigual e desfavorável na sociedade, como aconteceu com os

[8] Historiadores de fardas é um termo utilizado para descrever os membros do Exército Brasileiro que contaram e narraram a história do Brasil e seus conflitos por longos anos durante o século XX (principalmente a do Contestado). Esse termo nos foi apresentado por Rogério Rosa Rodrigues (2008) em sua tese de Doutorado intitulada "Veredas de Um Grande Sertão: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro".

[9] Compreendemos raça como uma construção social decorrente das interações entre fronteiras dos diferentes grupos étnicos. Essa noção elucidada por Fredrick Barth se difere das abordagens essencialistas e biológicas tradicionais, nas quais buscaram argumentar que raça era uma definição estática e inerente a determinado grupo. Barth enfatiza que as diferenças étnicas são resultado da manutenção das fronteiras sociais, do reconhecimento da identidade étnica como uma organização social dinâmica a partir do reconhecimento da identidade como uma categoria social. BARTH, Fredrick. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

caboclos massacrados pelo exército brasileiro. Para justificar e legitimar o controle e repressão contra a população sertaneja, o exército se armou dos valores da república, da ordem e do progresso, do amor à pátria. Os sertanejos que cultivavam seus rituais escatológicos, pouco estavam correlacionados com a realidade do litoral catarinense ou com o resto do país na totalidade. A forma com que se livraram dos caboclos para estabelecer o desenvolvimento econômico da região, era configurá-los o oposto daquilo que realmente os caracteriza enquanto grupos.

Daí surgiram as narrativas de que eram fanáticos, bandoleiros, desordeiros e vadios, bárbaros, fazendo com que os órgãos governamentais repressivos o identificassem enquanto sujeitos perigosos à dignidade da República. Portanto, vemos aqui uma questão de raça, ao meio no qual a população miscigenada é ainda foco de preconceito por parte da burguesia nacional e sua intelectualidade, sendo tratados naquela época como um atraso para o desenvolvimento racial da nação brasileira. [10]Essas ideias formalizaram a compreensão cientifica do século XIX e XX de que o negro e o miscigenado possui em seu DNA a tendência ao fanatismo, banditismo e a histeria.

Reafirmando de que o problema é a população, e não sua condição de exploração e desapropriados de seus meios de subsistência, Dermeval Peixoto (1920) em outra passagem de seu relatório reconheceu de que o biotipo se trata dos habitantes do Contestado:

> Santa Catharina, tivesse ao menos a vantagem de estancar o contínuo derramar de sangue irmão, cessar o sacrificio inglorio das existencias preciosas de officiaes, de soldados e dos compatricios infelicitados, evitar mais luto, novas dôres , outros orphãos, outras viuvas inconsolaveis, cessar emfim o improductivo semear do ouro com o horror duma campanha interminavel dentro do proprio solo patrio , terminar este quadro horrendo em que se esbatem tristemente aquarellas rubras e se destacam , cada dia, traços fortes cada vez mais negros ! [...] (PEIXOTO, 1920, p.32).

Importante situar também que no posto adiantado, nas frentes de combates dos quadros militares, lutavam, de modo geral, a maioria dos soldados negros das mais baixas patentes. Açoitados muitas vezes de maneira que violavam os princípios de liberdade da república, sofriam dos mais altos abusos de força na instituição, sendo também os

[10] Para isso ver: RODRIGUES, Nina. *Mestiçagem, Degenerescência e Crime*. *In.* **História, ciência e *Saúde***. *Manguinhos* [online], Rio de Janeiro, *v. 15, n. 4, p.* 1151-1182, *out./dez. 2008* [1899]. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-506992.

principais rivais de outros negros e caboclos, porém no outro lado, a maioria eram moradores pobres do interior do país.

Quando terminou a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, muitos trabalhadores foram esquecidos nos campos catarinenses, representando mais um fluxo migratório para região. Composto principalmente por negros e miscigenados, esses trabalhadores se dispersaram no planalto catarinense, muitos encontrando trabalho nas empresas do grupo da *Brazil Railway Company*. Importante lembrar que os que permaneceram com outros posseiros da região, no ano seguinte (1911) iniciaram-se os despejos.

> Então se diz: o negro é mau cidadão. Quais as razões que o tornaram desta forma? É que os negros foram envolvidos por um processo de marginalização muitas, vezes sub-reptício, outras vezes acintoso e brutal, conforme os valores brancos dominantes. Aqueles negros que adquirem, por diversos meios, consciência da situação em que se encontram, postulam medidas e criam a possibilidades reivindicatórias para si e para os demais, são considerados perigosos para as classes dominantes. Para a sociedade branca eles não têm mais aquele comportamento rotineiro que – segundo o seu pensamento – deviam ter eternamente; aquele comportamento tradicional de subalternidade que a classe senhorial simbolizava na Mãe Preta e no Pai João. Essa camada negra que surge e toma consciência dos problemas suscitados pela "situação racial" do Brasil passa a ser encarada como "mal comportada", "ousada", que "não sabe ficar no seu lugar", que "se julga branca" ou deseja aquilo a que não tenha direito. (MOURA, 1977, p.38).

A última coisa que os negros possuem no Brasil é o mesmo direito a uma propriedade, a terra e a moradia concedida aos brancos estrangeiros que chegaram no país entre os séculos de colonização. No Brasil, o negro após a sua libertação só será considerado cidadão caso as suas ações forem de subalternidade aos valores brancos. Uma vez que não correspondem a estes valores, os órgãos de segurança os reprimem sem ao menos se preocupar com endereço, nome ou religião. Todo negro é um possível criminoso para os valores brancos dominantes, e a violência contra sua carne é velada historicamente e até hoje como casos isolados. Portanto, a violência contra os negros não aconteceu em relação a sua ação na sociedade, mas pressupõe a própria existência do negro.

O trabalho livre no Brasil aconteceu, de maneira gradativa, enquanto se estabeleceu o desenvolvimento industrial, quando o negro teve a sua liberdade para vender a sua força de trabalho. Buscou-se cortar o vínculo com os meios de produção, e a consequência de sua desgraça, e esta foi a forma que "foi introduzido socialmente, são levados a se conformar com a situação e com as avaliações que os brancos desenvolvem,

devendo inclusive comportar-se em consonância com suas expectativas." (IANNI, 2003, p. 321).

Portanto, a posição social que se encontrava o negro no Brasil da recém-proclamada república, significava apenas mais uma peça num projeto branco colonizador, que o justificava e pregava a condição de seres "inferiores" e "incivilizados", propicio a bandidagem e a ignorância.

Depois do estabelecimento dos trilhos ferroviários, as empresas do grupo da *Brazil Railway Company*, trataram de, imediatamente, explorar os recursos naturais da floresta ombrófila mista. Em seguida atuarem fortemente com as companhias colonizadoras, passando para a comercialização das terras denominadas devolutas e vendendo para migrantes nacionais, principalmente de outras regiões e imigrantes advindos da Europa. Os mestiços brasileiros, portanto, não foram reconhecidos como possuidores de terras e as dificuldades de transformar o direito à posse dessas terras, fizeram com que estes se tornassem intrusos para os governos de Paraná e Santa Catarina e para o governo federal.

Este estudo foi organizado em três capítulos assim estão aqui apresentados. No primeiro capítulo, a abordagem apontou o contexto em que o Estado brasileiro, da recém-proclamada República, negociou e aceitou a cartilha do capital internacional em sua fase imperialista para se instalar em todo o território nacional, incluindo a Região do Contestado. Inicialmente estendeu um traçado ferroviário que serviria de base para o processo colonizador e modernizador daquele espaço ocupado pela população nacional. As ideias de ordem e progresso, o projeto de modernização e, principalmente, a violência categorizada aplicada extremamente contra a população local. Buscou-se localizar de forma concreta e material a violência que permeou o contexto identificado e aqui delimitado como Região do Contestado.

No segundo capítulo, a proposta foi trabalhar com o contexto que envolveu a chegada, instalação e atuação do capital internacional, iniciado com a instalação dos trilhos ferroviários, mas principalmente com a atuação comercial e industrial madeireira e depois a colonização imposta pelo grupo estrangeiro, não sem a conivência e a segurança coercitiva do Estado brasileiro e da república dos coronéis. Também as discussões e abordagens sobre o choque de ideias e as rupturas provocadas no modo de vida dos antigos moradores da Região do Contestado.

No terceiro capítulo, a proposta foi uma abordagem dos conflitos internos nos redutos durante o auge dos confrontos bélicos (1912-1916) e, a partir, da intensificação dos combates contra as diversas forças de repressão ao movimento de resistência cabocla. Por último, o contexto diante da intervenção pesada das forças do exército republicano.

Serão destacadas as ações tomadas no conjunto social da resistência frente as forças oficiais. Muitas destas ações resultaram na violência interna, no confronto de um irmão sertanejo contra o outro do mesmo sangue ou daqueles que vieram dos quartéis, todos da mesma nação. A violência fraticida ocorreu principalmente depois do cerco militar e da consequente carestia com a fome, a doença e o desespero coletivo que forçaram os indivíduos a tomarem atitudes extremas, lutando pela sobrevivência individual no momento da maior desesperança e sofrimento.

# 2 IMPERIALISMO, ESTADO BRASILEIRO MODERNO E DISCURSOS OFENSIVOS CONTRA POSSEIROS DA REGIÃO DO CONTESTADO

A Revolução Industrial, iniciada na Europa no início do Século XVIII, após a sua fase inicial de invenções e transformações nos modos de produção, provocou profundas alterações sociais na sua origem que, juntamente com o aparato científico e tecnológico em processo de aperfeiçoamento constante, também se expandiram e alcançaram proporções mundiais, chegando na América em sua fase imperialista.

A fase de expansão imperialista alcançou a sociedade brasileira com maior intensidade entre o final do Século XIX e no início do Século XX, contexto que também aconteceram mudanças políticas estruturais com a proclamação de uma República no Brasil. Pautada nos ideais positivistas e, juntamente com a chegada do capital internacional, protagonizaram rupturas na sociedade brasileira, atingindo principalmente a população interiorana que se encontrava distante e ignorada pelo Estado brasileiro.

A modernidade e o progresso almejados, juntamente com os movimentos do capital imperialista, tiveram impactos na vida da população pobre e distante dos centros urbanos. Na Região do Contestado a população sertaneja foi alcançada pelos investimentos capitalistas do grupo da *Brazil Railway Company*. As novas formas de organização econômica e social foram implantadas, atingindo diferentes formas de violência, mas não sem resistência e negação ao modo moderno de civilização imposta pelo Estado Brasileiro na região do Contestado.

## 2.1 A REPÚBLICA BRASILEIRA E O CAPITAL DESCOBRIRAM A REGIÃO DO CONTESTADO

No final do Século XIX o Brasil possou por mudanças que marcaram significativamente a sociedade, principalmente depois da Guerra do Paraguai, quando passou a formar um exército forte, substituindo papéis da antiga guarda nacional e instituindo uma organização com ideais, que poucas décadas depois, pesaram fortemente na proclamação de uma República que marcou o fim do regime monárquico brasileiro.

A mudança radical do regime político também ocorreu num contexto de mudanças econômicas, protagonizadas, principalmente, pelo estabelecimento do capital internacional. No caso brasileiro, uma das mudanças foi o estabelecimento de um novo eixo de domínio, diminuindo a histórica relação de dependência estabelecida com a Inglaterra e o início da influência e dependência do capital dos Estados Unidos.

Desde a capital brasileira até as mais distantes fronteiras, muitas ainda incertas e com pendências para solucionar, tivemos os primeiros anos da República como o alvorecer do capital e dos investimentos norte-americanos, representados pela chegada, estabelecimento e atuação da empresa Brazil Railway Company que na Região do Contestado construí a ferrovia entre os Rios Iguaçu e Uruguai e atuou nos ramos madeireiro e colonizador, alterando profundamente o modo de vida dos antigos posseiros já estabelecidos.

A contradição capital-trabalho pode ser entendida a partir da compreensão de um processo de acumulação primitiva na Região do Contestado. Utilizando-se das palavras do filósofo e intelectual da Era do Capital, Karl Marx, a contradição capital-trabalho no pensamento teológico do pecado original, onde alguns homens haviam comido o fruto do pecado, tendo que “comer seu pão com o suor de seu rosto”(MARX,2011), e outros cuja “a história do pecado original econômico que nos revela como pode haver gente que não tem nenhuma necessidade disso.” (MARX,2011,p.514).

A relação dialética que se estabelecesse entre esses dois mundos, parte da necessidade daqueles que possuem o pecado original econômico do trabalho de acumular mais-valor para suprir suas necessidades de existência. “O dinheiro é transformado em capital, como por meio do capital é produzido mais-valor e do mais-valor se obtém mais capital.” (Idem, 514).

Com a acumulação de capital, a elite laboriosa necessitava cruzar suas fronteiras na busca de novas fontes de acumulação e impor sobre o outro o pecado original que outrora desfrutava, o pecado do trabalho. O outro, o selvagem que, de modo algum, ao longo de sua existência, desfrutaria de tal pecado, e tão pouco desejava o acúmulo de mercadorias feitas a partir do fruto do seu trabalho, se encontrava em uma relação de subjugação aos possuidores de mais-valor.

A partir da movimentação sobre essas fronteiras econômicas e sociais, passou-se a disputar os espaços, uns com a necessidade de sobrevivência e outros com a necessidade de acúmulo de mais-valor. Na história da luta de classes, como se sabe, dizia Marx (2011) utiliza-se do domínio, da conquista, do roubo, do assassínio, em suma, da violência, tornando-se dever sagrado pela lei criada pela elite laboriosa, a questão da propriedade privada.

Para o estabelecimento deste direito, foi necessário o cruzamento de fronteiras entre duas espécies diferentes de homens: uns possuidores de mercadores, meios de produção e de subsistência, e de um corpo legal sobre a forma de leis, e, outros homens possuidores do seu corpo como ferramenta de trabalho, pois os meios de sua subsistência eram tomados a assalto pelos primeiros.

Essa relação de fronteiras, se estabeleceu a partir do contato entre ambas espécies, a partir do conflito e do encontro entre si. A elite laboriosa teve a seu favor os meios legais e legítimos para garantir a tomada dos meios de subsistência dos outros, que por sua vez, resistiram a essa investida violenta, ou trataram de pensar objetivamente a sua realidade e por meios independentes, como lutar e resistir ao seu modo de vida.

A categoria de objetividade para o pensamento marxista foi responsável pela atuação no campo da consciência crítica. Foi através da consciência crítica, isto é, da realidade objetiva, que os sertanejos do Contestado, por exemplo, encontraram as formas

de estruturar as suas necessidades materiais após a "passagem" do monge José Maria levar consigo o encantamento que se desdobrava na ideia do Novo Mundo sem injustiças e sem sofrimento.

Para a população antiga da Região do Contestado, isso significou a alteração do que se esperava do futuro. Concordamos com Duglas Teixeira Monteiro (1974) que afirmou que a grande maioria das pessoas na região contestada foi movida por questões de ordem religiosa e "repeliam o mundo secular em sua totalidade e afirmavam uma ordem sagrada, radicalmente diferente." (MONTEIRO,1974,p. 109). Não basta mais esperar esse Novo Mundo, é preciso convertê-lo em um mundo novo e digno para os seus pares iguais.

> A massa vive normalmente numa postura crítica, apenas iletrada. Acreditam que as coisas existem como lhe aparecem e sabe que a modificação, para melhor, do seu regime de vida, e, portanto, do seu estado subjetivo, depende da alteração das condições materiais e dos procedimentos de intercambio social. (PINTO, 1960, p.7).

A existência de Monges no Contestado, possibilitou uma nova compreensão do presente que se punha em objeção ao passado. Antes pequenos posseiros e trabalhadores do campo individuais, na presença de José Maria, a população sertaneja passou a se aglomerar em redutos e conviver e produzir para o coletivo.

No tempo dos redutos, a vida se dava em clima de festa e de irmandade. Tudo era de todos. Gados, lavoura, sementes, frutas, chimarrão, milho-verde, churrasco. O armamento era a única coisa individual, assim como cavalos de combate. De resto era tudo compartilhado, e essa prática igualitária possibilita, concretamente, a indispensável coesão do grupo." (AURAS,2001,p.87).

A passagem do monge do plano real para o plano espiritual, floreou a consciência crítica de que as forças políticas regionais atuavam contra a dignidade da irmandade cabocla, e que a única forma de os enfrentar é através da organização, da ação prática e objetiva daquilo que o monge um dia propunha. Esses homens, "transformaram-se em uma fraternidade que partia em busca do absoluto, enfrentando para isso os defensores frios e racionais de uma ordem irremediavelmente comprometida pelo contingente." (MONTEIRO,1974,p.109).

Era perceptível que a objetividade esteve calcada na compreensão e na percepção

do que é real e concreto, daquilo que é material nas leis do mundo e da física. Só se torna conscientemente crítico frente às desigualdades e as opressões do mundo, quando a consciência crítica ascende ao "cuidado para com os demais existentes." (PINTO, 1960, p.22).

Os problemas não eram apenas individuais, passaram a ser coletivos, estavam no lado dos oprimidos dos países invadidos pelas forças do imperialismo. O momento de criação de uma nova realidade em um mundo objetivo de incertezas e injustiças para o movimento rebelde, se deu para os sertanejos a partir da necessidade de uma organização que possibilitou um sentimento de pertencimento para as famílias em relação ao reduto, possibilitando coesão entre os mesmos frente a um problema comum, que era imediato daquele tempo para todos os fiéis. "E essa organização não foi refletida e dada" a priori", mas surgia ao longo da prática-de-estar-juntos, sob determinadas condições históricas." (AURAS, 2001, p. 81).

Com a presença da empresa monopolista *Brazil Railway Company* na região do Contestado, iniciou-se o processo de desocupação das terras concedidas pelo governo brasileiro. As concessões faziam parte dos projetos de colonização das terras tidas como devolutas, sobretudo do estabelecimento de um progresso econômico no território disputado por países e por estados.

O projeto de construção de uma ferrovia, passando pelo interior catarinense e ligando São Paulo com o Rio Grande do Sul, estabeleceria bases sólidas para integração comercial e industrial, alcançando um passado atrasado e escondido nas florestas de centenárias de araucárias ao futuro próspero da industrialização. Superar um tempo de atraso e barbárie para alcançar a propalada modernidade. Assim se abandonava a herança colonial para alçar a região aos interesses imperialistas de práticas modernas de produção. A estrada de ferro foi em si um exemplo de caminho para a modernidade, embora, neste sentido, esta jamais chegou a empolgar os antigos habitantes da terra, condenados pelo pecado original.

## 2.2 DISCURSOS E JUSTIFICATIVAS DO PROGRESSO CIVILIZADOR

A modernidade no período republicano se apresentava como uma ideia que previa um futuro sobrepondo rapidamente o presente. Esse futuro agitado, impreciso, desconhecido, era antes de tudo uma alternativa para se livrar dos passados existentes no presente que atrapalhavam os planos da modernidade, que em resumo, era a ordem e o progresso do país.

No final do século XIX e início do século XX, muitos intelectuais expressavam seu descontentamento com a permanência de um país atrasado, anacrônico de um tempo, em comparação com a corrente de ideias e da própria história que se dava na Europa. O desejo real dessa intelectualidade, que era muito bem inserida no meio político e de prestígio social, era integrar o campo do Brasil a uma realidade mais próxima do seu presente, isto é, o século XX e as acelerações das cadeias produtivas que se davam na Europa e no centro do capitalismo mundial (IANNI, 1992).

Os discursos do progresso no Brasil se associavam a uma abolição de escravatura seguida de uma Proclamação de República que abolia também uma Monarquia para se livrar da escravidão e adentrar a um mundo de trabalho livre. Para isso consolidou os desejos da burguesia nacional em consonância com o imperialismo através da "europeização, ou no branqueamento da população, para acelerar o esquecimento dos séculos de escravismo."(IANNI, 1992, p.21).

O desejo real das forças atuantes na sociedade era se livrar de um presente do qual a sua história não se desenvolvia, buscando se livrar de um "país atrasado, anacrônico." (Idem, p.25). Esse anacronismo fascinava somente aqueles que buscavam, através da Europa e do imperialismo, um espelho que resolvesse os reflexos de uma cultura atravessada por esse conjunto de países que exploraram e colonizaram territórios exóticos.

Segundo Duglas Teixeira Monteiro, a ação política usual do coronelismo, não ocupava mais a vida do sertanejo, que agora usava de uma "insólita ação de autonomia." (MONTEIRO,1974). O rebelde era visto pelo adversário como uma "espécie de encarnação do mal, que devia ser extirpada, pois desafiava os fundamentos da concepção de mundo dominante." (Idem, p.111).

A modernidade e sua intelectualidade buscavam desvendar as condições materiais para um progresso social, cultural e principalmente econômico. Perguntavam sobretudo sobre os dilemas daquela sociedade e quais as suas formas sociais, dentre elas os que se escondiam no manto social após séculos de escravidão. “Agrarismo e industrialização; cidade, campo e sertão; preguiça, luxúria e trabalho; mestiçagem, arianismo e democracia racial; raça, povo e nação; colonialismo e nacionalismo, democracia e autoritarismo.” (IANNI, 1992, p.26).

Muitos foram os acontecimentos que colocaram a sociedade civil brasileira atônita frente a um presente estritamente ligado ao passado, dentre as constatações “as lutas sociais de base agrária em Canudos, Contestado e outras partes que estavam em curso as ocupações de terras devolutas e indígenas.” (Idem, p.32).

O advento republicano e o interesse pela modernidade surgiram no intuito de lidar e resolver os problemas herdados dos anos de escravismo e colonialismo. Passando por uma nova etapa no plano internacional, o país buscou se inserir na competição de mercados que dava através do desenvolvimento do imperialismo britânico e estadunidense, com atuação fundamental das empresas monopolistas e dos bancos de créditos que deixavam economias em desenvolvimento, dependentes da dívida externa e das necessidades de mercado dos países imperialistas.

Durante o período republicano, o Brasil atraiu para si as forças do capitalismo em expansão para explorar e extrair suas riquezas. Não sem justificar uma ideia de progresso civilizador que rompesse com um modo de vida culturalmente estabelecido e pautado no trabalho em torno da sobrevivência, sem a preocupação de lucro.

Clóvis Moura (1977) avaliou com precisão que o negro após ser liberto não foi incluído na sociedade capitalista ao modo que se estabeleceram barreiras para esta inclusão, responsabilizando-o sobre o pensamento liberal de que o seu fracasso era puramente falta de sucesso do seu esforço. Com isso, o autor apontou que o negro ou miscigenado que reconhece a sua posição desigual na escala social, e atenta contra a ordem reivindicando algum direito é visto como um mau cidadão, pois não é submisso ao sistema repressivo e desumanizador existentes em novas formas na era do trabalho assalariado.

Clóvis Moura (1977) revolucionou os estudos sobre raça e classe a partir do momento que este percebeu que a desigualdade racial estava pautada na infinita

associação do negro ao cativeiro, e não ao quilombo, o espaço que realmente pertencia à identidade e a cultura africana e afro-brasileira durante a escravidão, espaços de resistência a desigualdade social.

Em 1912 aconteceu a primeira aglomeração de sertanejos em torno do Monge José Maria, de origem brasileira, que supostamente teria lutado ao lado das tropas federalistas. Temendo a esta aglomeração de pessoas humildes, sem nenhuma fortuna, produzindo somente aquilo que era necessário para a subsistência, o Coronel Albuquerque, da Vila de Curitibanos, os denunciou para as autoridades de Florianópolis, temendo alguma inquietação de cunho popular que pudesse, de certa forma, romper com a sua posição privilegiada na escala social.

A notícia espalhada alardeava de que nas proximidades de Curitibanos estaria um grupo de pessoas, "bárbaros" atentando contra a soberania da República e iniciando uma insurreição monarquista. "Na verdade, segundo tudo indica, pretendia ele apenas prevenir-se contra um agente potencialmente perigoso, que além do mais, incluía partidários de seus adversários políticos locais." (MONTEIRO, 1974, p.45). Esse movimento deu início ao primeiro conflito entre tropas estaduais e federais contra famílias com crianças, idosos e mulheres, que se baseavam fundamentalmente na questão da dilatação das terras dos chefes políticos e fazendeiros:

> São todos coronéis da roça, mandões políticos uns e proprietários despóticos outros, em regra preocupados com a dilatação de suas terras e com o crescimento complicado dos bandos de seus animaes. Assediados por um grupo e odiados por muitos outros, estão predestinados a quase todos os coronéis. (PEIXOTO, 1920, p. 18).

A reação dos chefes políticos locais alcançou guarida entre as autoridades e as forças públicas, incluindo o exército foram chamados para debelar o "foco monarquista" que perturbava a ordem. Muitos foram os oficiais do exército que não mediram esforços em demonstrar sua força perante ao Movimento que se instaurou após as ofensivas reacionárias dos chefes políticos locais. É de se ressaltar o caráter de classe da ação ofensiva do exército, uma vez que tratou de chegar ao local contestado antes mesmo que os revoltosos atacassem mais alguma propriedade do sindicato Farquhar[11].

[11] Percival Farquhar. Foi o presidente da Brazil Railway Company entre 1907 – 1914. Foi responsável pela construção da estrada de ferro que ligava o Sul do Brasil à capital paulista. Além disso, foi um político e empresário de influência em toda América Latina, responsável pela construção de pontes, estradas de ferro e portos. De origem estadunidense, o complexo industrial construído por Farquhar foi um dos principais motivos da chacina da cultura sertaneja presente no Contestado.

> Além da multiplicidade de despachos telegráficos, provindos do interior catharinense, outros de vários pontos do Contestado, clamavam todos, o soccorro contra os bandoleiros.
> Em tom peremptório, agora, **uma empresa estrangeira protestava contra a retirada das forças.**
> A poderosa empresa americana, que tinha grandes estabelecimento de beneficiar o pinho, em Três Barras, nas margens do Rio Negro, e na estação de Calmon, alistara- se no rol de ameaçados pela horda irrequieta [...]. (PEIXOTO, 1920,p.221).

A posição do exército foi submissa à necessidade do capital internacional, uma vez que seu retorno ao local se deu em vias de defesa da propriedade privada. Os empreendimentos de Farquhar continham a própria organização de defesa contra qualquer tipo de manifestação que discordasse de seu empreendimento, percebemos sua autonomia frente às questões jurídicas de Estado no período Republicano e a extrapolação da ordem ao tempo em que possui autonomia frente às forças repressivas e possui privilégio sobre a atuação das forças do Estado. Com isso, percebemos que a violência do Estado se apresenta enquanto ação legal de proteção à propriedade privada, uma defesa daquilo que representava o progresso contra os que ameaçavam a consolidação do desenvolvimento capitalista.

Segundo Vladimir I. Lenin (2011), o avanço do imperialismo nos países de regiões férteis para o desenvolvimento capitalista, criou novas formas de atuação do capital frente às massas da periferia do mundo. As forças produtivas de cada contexto, exigiam novas categorias de análises e novos agentes históricos que surgiam conforme a reorganização do desenvolvimento do capital monopolista.

O resultado e garantia era o enriquecimento do centro de poder e governança, mediante os cartéis, sindicatos aparelhados, uso das forças militares e o monopólio empresarial. Observando para estes agentes históricos, percebemos no plano da economia política, como as grandes corporações do capital financeiro (isto é, a junção do ramo industrial com os bancos enriquecidos) permaneciam acima da ampla concorrência dos pequenos empresários em países colonizados e, posteriormente, sob influência imperialista. O aspecto político desse momento, não só de acúmulo do capital, bem como de expansão de sua forma de se reproduzir na sociedade, é segundo Lenin (2011):

> Característico do imperialismo é precisamente a tendência para a anexação não só das regiões agrárias, mas também das mais industriais [...], pois, em primeiro lugar, já estando concluída a divisão do globo, isso obriga, para fazer uma nova partilha, a estender a mão sobre o tipo de territórios; em segundo lugar, faz parte da própria essência do

> imperialismo a rivalidade de várias grandes potências nas suas aspirações a hegemonia, isto é, a apoderar-se de território não tanto diretamente para si, como para enfraquecer o adversário e minar a sua hegemonia. (LENIN, 2011, p.221).

Discursos e justificativas de um projeto civilizador para a Região do Contestado contou com a atuação das forças militares estaduais e federais, civis contratados pelo governo, denominados de vaqueanos e de todo aparato bélico militar para utilização na repressão através do Estado Republicano. Coerção e legitimação da força do Estado para atender os interesses do capital internacional interessado em ocupar as terras denominadas devolutas da Região do Contestado.

O projeto civilizador, para os sertanejos moradores mais antigos da Região, não representou progresso, ordem ou melhoria de vida, esteve longe de demonstrar a ideia de civilização defendida nos discursos das autoridades. Aos sertanejos, o tempo melhor era representado pela vida pacata e tranquila de antes e mesmo durante o tempo dos redutos.

Desqualificados e desprezados nas teorias do contexto, os sertanejos foram enquadrados em narrativas de correntes da história e da sociologia, com entendimentos de que o conflito e a violência no Brasil, seriam apenas "desajustes patológicos." (MOURA, 1977, p.6). "Eram concepções baseadas em teorias darwinianas, evolucionistas e positivistas, que dominavam a literatura cultivada no mundo e por extensão, no Brasil." (PEREIRA, 2021, p.4).

Na sociedade do pós-abolição, passaram a criminalizar a rebeldia e a resistência dos grupos marginalizados que encontram suas raízes nas mazelas do período escravista, com fundamento nas ideias eugenistas do século XIX e início do século XX. Intelectuais como Oliveira Viana, Raimundo Nina Rodrigues, Ruy Barbosa, Silvio Romero instrumentalizaram suas análises a partir de uma perspectiva que naturalizava o negro e sua rebeldia e resistência, como a expressão de um ser-humano menos desenvolvido intelectualmente e geneticamente, sendo atribuído a eles uma formalidade para a violação de sua pele.[12]

[12] De fato, os primeiros teóricos do racismo partem da tradição ilustrada por Montesquieu, Buffon ou Voltaire, e receberão um considerável apoio da medicina, que lhes proporcionará diversos métodos (o índice cefálico de Retzius, que distinguia entre raças dolicocéfalas e braquicéfalas, etc.) para objetivar a pretensão de que as diversas raças têm origem e natureza distintas (mais tarde ajudou a desenvolver os "métodos" para assegurar a limpeza étnica, desde a eugenia até o extermínio). FONTANA, 2005, p. 31.

> Nina Rodrigues falava em coletividades anormais, referindo aos lavradores paupérrimos de Canudos. Oliveira Viana preconizava soluções autoritárias, compreendendo o Estado forte, ao alegar que a sociedade civil era incapaz. E combinada autoritarismo e arianismo, europeização da população pelo incentivo a imigração, alegando limitações nos índios, negros e mestiços. Outros falavam em eugenia, massas deseducadas, mestiços doentios, desorganização social, multidão, subversão. Muitos falavam e muitos falavam, já que algumas dessas explicações" continuam a ser valorizadas e, muitas vezes, fundamentam políticas de setores públicos e privados. **Não é episódica, ao contrário, é permanente, a convicção de setores dominantes e governantes, civis e militares, de que as manifestações operárias e camponesas ameaçam a ordem pública, a paz social, a segurança, a ordem estabelecida ou "a lei e a ordem". Qualificam essas manifestações como problema de polícia ou também militar.** (IANNI, 1992, p. 95/6 **GRIFO NOSSO**).

A intelectualidade que predominava na época, defendia e formalizava argumentações sobre a forma de lidar com as questões que envolviam as desigualdades sociais, sobretudo, contra povos indígenas, negros e mestiços. A desigualdade social era colocada em seu campo de argumentação como algo relacionado as diferenças étnicas, regionais e raciais. "A inferioridade 'natural' dos selvagens também já havia sido legitimada pelos naturalistas europeus do século XVIII, que aplicaram à espécie humana uma ótica similar à que se empregava para classificar os animais." (FONTANA, 2005, p.30).

Na história do Contestado, encontramos discursos que se apoiam sobre estas ferramentas de classificação, das quais a forma enviesada de se pensar o ser humano, contribuiu efetivamente para o esquecimento e o apagamento da memória e da cultura do mundo caboclo. Os historiadores de farda também narraram os massacres fundamentando ideias de que ali havia uma população "subversiva" as leis da paz republicana, "enlouquecidos" pelo "fanatismo religioso", um verdadeiro "desajuste patológico" para os olhos da eugenia:

> O Contestado é um filho infeliz de dois pais adoptantes, ambos ávidos de sua maravilhosa riqueza e ambos manifestamente impotentes para debellar os males terríveis que o assoberbam: **a ignorância dos habitantes e a falta de um policiamento extraordinário e duradouro**. (PEIXOTO, 1920, p.39. **GRIFO NOSSO**).

Deste modo, entender a violência na Região do Contestado desde os primeiros anos da República não se trata de perceber apenas como algo físico, mas também uma luta moral contra identidades construídas como mitos de superioridade, rotulando o outro,

categorizado, por sua vez, como primitivo, selvagem, bárbaro e não civilizado.

O único caminho apresentado pela cultura que se tornou hegemônica foi a dominação e a exploração deste "outro" enquadrados numa lógica de indivíduos aptos ao banditismo social. São poucas as referências aos problemas sociais e as realidades concretas advindas do tempo coloniais, do modelo de colonização, da instituição da escravidão, da guerra do Paraguai, e outros fatores que deram forma a organização social da região. E, além disso, essas populações não se interessavam pela república nem pela modernidade, pois dela só se ouviram falar mal.

Nina Rodrigues (1899) por exemplo, esboçou a tentativa de "representar a história médica [...] tal como a pude reconstituir com os dados de minhas observações diretas e com as informações que recolhi cuidadosamente sobre pessoas ainda vivas." (RODRIGUES, 1899, p.3). Notório eugenista do século XIX e início do XX, Nina Rodrigues (1899) foi um dos mais importantes nomes da medicina que teve em vista formular uma antropologia criminal, sobre a qual, Clóvis Moura (1974) fez uma crítica sobre este trabalho. Analisando a população de Serrinha–BA, Rodrigues (1899) afirma sobre um paciente:

> **Observação V**. N.O., 32 anos, mestiça quase branca, bem situada, mas se ocupa com trabalhos domésticos fatigantes; cinco filhos. Antes de casar teve um acesso de depressão melancólica acompanhado de fenômenos neurastênicos que permanecem há um ano. Volta das tendências melancólicas depois de seu último parto; tristeza, vontade de chorar, repugnância pelo trabalho, insônia, sensação de cabeça estalando, impossibilidade de fixar a atenção, dores cefálicas. Tem um pai degenerado, alcoólatra. Há tudo para crer numa forte tara hereditária. (RODRIGUES, 1899, p.4).

A relação estabelecida é uma assimilação da mestiçagem e seus problemas com a própria realidade econômica e social. Os problemas apontados sobre uma perspectiva médica apenas captaram aquilo que o paciente demonstrou no contexto imediato. O aprofundamento das questões que tornaram essas pessoas enfermas não ocorreu na medicina. O pai alcoólatra já era percebido para ser um degenerado, os motivos que o levaram a ser alcoólatra não importavam. Somente o fato do que ele é: um degenerado, alcoólatra e mestiço. Esse preconceito com uma cultura ou identidade, também se observou na Região do Contestado, narrada pelos historiadores de farda:

> O Contestado é um filho infeliz de dois pais adoptantes, ambos ávidos da sua maraviihosa riqueza e ambos manifestamente impotentes para

> debellar os males terríveis que o assoberbam: **a ignorância dos habitantes e a falta de um policiamento extraordinário e duradouro.** (PEIXOTO, 1920, p.39).

Aujor Ávila Luz (1999) defendeu que a miscigenação no planalto catarinense ocorreu harmoniosamente entre índios, negros e brancos. Em sua tese, destacou que o fator principal para a miscigenação ocorrer foi a presença do branco como intermediário desse processo, uma vez que foi o homem branco quem teria se relacionado com a mulher indígena e a mulher negra gerando novas raças, pois seria impossível outra forma, pois a "repugnância do índio pela cor e pelo cheiro do negro e a animosidade natural entre estas duas raças fizeram do tipo cafuzo um fator insignificante no balancear a etnogenia do brasileiro." (LUZ, 1999, p.70).

Ainda, segundo Aujor (1999), a violência dos tempos de escravidão até o início do século XX, se apresentava apenas como um contratempo para a colonização branca. Em sua narrativa destacou o avanço do branco sobre as comunidades originárias através da lógica de dominação e subjugação, o que lhe foi possível, enquanto colonizador, propiciar um clareamento da população originária, de forma que pode fixar "sempre mais ou seus melhores caracteres." (Idem, p.70).

Em sua narrativa, Aujor elabora um destaque e valorização que atribuí ao branco de origem europeia, levado por uma visão progressista que visava o desenvolvimento do capital a partir do clareamento da população. Em contrapartida, há uma naturalização da marginalização do negro, do índio e do caboclo, firmada numa tese de que estes não percebiam a chegada do progresso a partir da presença das linhas de ferro. No entanto, não se destaca em suas observações a destruição dos direitos de ocupação da terra para os ocupantes do Contestado, pois eram quem "primeiro a ocupou e ao seu modo a trabalhava." (Idem, p. 62).

A violência do Estado, não foi apenas uma força maior do que a do exército encantado de José Maria, mas veio para exterminar aqueles que resistiram ao estabelecimento da hierarquia de poder da região. De posseiros, após a Guerra do Contestado, passaram a ser os despossuídos.

Lenin (2011) destacou que a violência pode tomar espaços, num contexto de disputa, e não se trata apenas de aspectos geográficos e de habitação, mas também pelo estabelecimento de acordos políticos que garantem o monopólio da terra por determinada fonte econômica, garantindo assim a sua hegemonia social no território nacional e de

prestígio e legitimação de suas feitorias nas entranhas do mundo empresarial mundial.

Na Região do Contestado observamos que a presença das empresas do grupo da *Brazil Raillway Company* para explorar os recursos naturais, explorar o transporte ferroviário e depois vender as terras, nada mais é do que uma força do imperialismo estadunidense ditando estabelecendo as novas regras de trabalho e sociabilidade a serem travadas neste espaço. A resistência da população local foi rompida pela violência, ocorrendo de diversos modos e com diferentes estratégias.

## 2.3 VIOLÊNCIA OPRESSIVA, VIOLÊNCIA DE RESISTÊNCIA E VIOLÊNCIA FRATRICIDA

Entre os diversos autores que analisam a violência, estudos de outros contextos, próximos ou no mesmo período em que ocorreu na Região do Contestado, guardando as dívidas singularidades, é possível seguir os passos do movimento colonialista francês, britânico ou simplesmente europeu, e estabelecer diálogos diretos com o avanço do imperialismo dos Estados Unidos em continentes como Ásia, África e América Latina. Em nosso estudo, buscamos as noções da categoria da violência, apresentada por Frantz Fanon (1961), que estabeleceu uma dialética dos movimentos anticoloniais africanos, em especialmente o caso argelino, cuja violência contida na resistência da população local, como única possibilidade para solucionar uma cisão da realidade de exploração e subjugação às forças capitalistas europeias.

A partir de Frantz Fanon (1961) que destacamos o entendimento de que a violência pode ser percebida sob três formas que se apresentam diante da realidade capitalista e imperialista: a violência opressiva, a violência da resistência e a violência fratricida. Essas categorias, são explicadas pelo autor, como determinações que surgem no âmbito social de cada indivíduo, levando-se em conta, principalmente, a sua condição social individual enquanto um ser ativo e vivo na sociedade que está passando por uma ruptura com o modo tradicional de vida da sua comunidade.

A violência da opressão tem origem na lógica Ocidental de civilizar o incivilizado, de dominar ou eliminar populações milenares avessas aos padrões ocidentais de

civilização (FANON, 1961). Este tipo de violência é definido como forma utilizada na fase colonialista e imperialista, lançando mão de recursos atualizados tecnologicamente para transformar e modificar modos de vida de sociedades antigas, que manifestam desinteresse nas disposições de vida que o capitalismo oferece.

Os europeus dos séculos XVIII e XIX construíram uma ideia de raça superior. No momento em que a sociedade proxeneta da moderna civilização (que não é homogênea culturalmente) classificou o outro e o diferente, neste caso entendido como o habitante de outros continentes, enquanto um 'primitivo', 'incivilizado', 'fanáticos', "facínora" ou um "bárbaro" na acepção da palavra no entendimento da visão europeia de mundo.

Durante os séculos XVIII e XIX, pensadores europeus como Arthur de Gobineau desenvolveram e propagaram a ideia de "raça superior" baseada em hierarquias raciais. Gobineau argumentou que a incompatibilidade racial levou ao declínio das civilizações, à medida que as raças "inferiores" diluíam as características raciais dominantes. Esta teoria influenciou o pensamento social e político, legitimando a segregação, a eugenia e a pureza racial, com consequências históricas significativas (SCHWARCZ, 1993).

Para o desenvolvimento dessas populações milenares e tradicionais, as formas produtivas do capital não eram imprescindíveis, diferente dos laços de fraternidade entre os pares sociais que os fortaleciam enquanto grupo. No Contestado, a presença da *Brazil Railway Company.* modificou e reconfigurou a história dos moradores da Região através da violência e de ideias que caracterizavam-os como "inferiores."

A população da Região do Contestado foi "descoberta" pelo capital estrangeiro na sua fase imperialista. Os moradores antigos, em sua maioria, sertanejos e caboclos posseiros devotos dos monges, após observados pela águia, foram pisoteadas pela bota de uma mesma América, não a latina. O capitalismo chegou e amassou qualquer sonho de irmandade e fraternidade que não estivesse nos ideais da cartilha imposta pelo capital.

Frantz Fanon (1961), como anunciado anteriormente, conceituou a violência contra os povos colonizados e se debruçou nos estudos sobre a influência do avanço imperialista sobre o globo, nos quais alguns aspectos de suas análises, trouxeram explicações que auxiliaram na compreensão dos eventor que ocorreram na Região do Contestado entre as décadas finais do XIX e início do Século XX.

Segundo Fanon (1961), não só a colonização e subjugação dos povos é um

processo violento, como também a descolonização do povo. O autor afirmou que nos processos de descolonização é possível existir luz, novas orientações políticas, econômicas, e também novos indivíduos, cuja "sua importância inusitada é que constitui, desde o primeiro momento, a reivindicação mínima do colonizado." (FANON, 1961, p.30).

O surgimento de um novo homem, segundo o autor, ocorre num processo de descolonização, ou, resistência às forças capitalistas opressoras e isso advém de uma conscientização objetiva que passa a reivindicar direitos para todo o coletivo do povo colonizado e resistente às forças opressoras, ultrapassando o espaço individual para alcançar o coletivo. Este movimento da reivindicação e da resistência podem dar forma e conteúdo ao processo histórico de descolonização.

O sertanejo, em virtude de seu tempo, e sobre as condições materiais que se apresentavam enquanto possíveis de resolução do problema de terras, não havia outra forma de reconquistar aquilo que lhe pertencia, se não fosse através da violência. Essa reconquista não era somente material, mas também moral, pois buscavam reconquistar a dignidade da irmandade, enquanto seres humanos com prazeres, tristezas e problemas sociais.

A questão principal não era o "ser violento", tampouco desumanizar o inimigo, o colonizador, o soldado ou o próprio capital, mas restabelecer, através da violência, um sistema emancipatório coletivo, pois "não se trata de responder sempre com maior violência, mas, sim, de resolver a crise." (Idem, p.71).

> Que é, portanto, essa violência? Já o temos visto: é a intuição que as massas colonizadas têm de que a sua libertação deve fazer-se e isso não pode acontecer senão pela força. Por que a aberração do espírito esses homens sem técnica, esfomeados e debilitados, não conhecendo os métodos de organização, chegam a convencer-se, perante o poderio económico e militar do ocupante, de que apenas a violência poderá libertá-los? Como pode esperar o triunfo? (FANON, 1961, p.71).

A descolonização foi a própria luta de resistência. O "colonialismo não é uma máquina de pensar, nem um corpo dotado de razão. É a violência em estado primitivo e não pode submeter-se senão perante uma violência maior." (FANON, 1961 ,p. 57). Neste sentido, é possível perceber que a ação colonialista, imperialista e opressora age para solucionar as necessidades determinadas do capital. Para isso contou com um aparato militar na qual garante a defesa e fortalecimento da hegemonia de classes. Quando as

forças de segurança particulares da própria empresa não mantiveram o controle necessário na Região do Contestado, as forças do Estado (forças estaduais e exército além de contar com a ajuda dos vaqueanos) foram chamadas para estabelecer o controle da população.

Além da força coercitiva, houve a presença de influências simbólicas igualmente fortes, sustentadas por um conjunto de pensadores e intelectuais que formularam e legitimaram a promoção do progresso capitalista em conformidade com a ideologia ocidental, em total sintonia com os interesses da classe burguesa dominante.

Destacar quantidades de indivíduos em ação na defesa do capital, do aparato bélico utilizado, logística, número de mortos e feridos, por um bom tempo se tornou a escrita da história do Contestado que interessou aos governantes e aos que acreditavam nas ideias de que a missão de uma ação violenta contra moradores posseiros e mestiços era apenas eliminar o "elemento pernicioso" que perturbava a ordem.

> Os soldados do Exército, vindos por via-férrea de seus quartéis no Paraná, encontravam-se divididos em dois troços: em Caçador (100 praças) e em Campos Novos (60 praças). Efetivos da força pública barriga-verde estacionavam em Curitibanos (50 praças). Simples era o plano: os três contingentes, por diversos caminhos, convergiriam sobre o reduto, atacando-o simultaneamente. Incorporaram- se a cada coluna guias recrutados na área e piquetes de civis armados, os patriotas. (QUEIROZ, 1966, p. 131).

Qualquer forma de movimentação, por parte do colonizado, que buscava desestruturar as estruturas de poder que modificaram e controlaram sua forma de pensar e agir, se tornou uma necessidade. Os moradores antigos da Região do Contestado buscavam uma forma de defender o que era justo, mas não seria assim para as forças oponentes, pois o conceito de justiça estava concebido nos parâmetros e da construção burguesa de mundo.

A resistência foi uma forma de fortalecer o lado menos forte e menos preparado para enfrentar o adversário, protestando contra o capital que impôs na região destacada. Cabe ressaltar que isso foi entendido como uma postura anticolonial e anti-imperialista de uma classe menos favorecida, que, desde o início da revolução industrial, levanta as bandeiras dos subalternos, resistindo e dando engrenagens para o motor da luta de classes, com o objetivo de conquistar a vitória das massas.

Durante o ataque ao reduto de Taquaruçu, logo na fase inicial da organização da população nas cidades santas ou redutos, as forças do Estado republicano brasileiro, mesmo possuindo melhores condições bélicas, se sobressaíram os facões e as espadas dos sertanejos, que organizavam a sua resistência coletiva. Esse encontro teria sido comandado por apenas oito sertanejos comandados pelo Menino-Deus, Joaquim:

> Durante o tiroteio, Euzébio carregava uma *grande bandeira* e seguia no rumo da força gritando vivas a José Maria e à Monarquia. Foi ferido na perna por uma bala de metralhadora. Um fanático laçou a metralhadora, e arrastou-a á chincha do cavalo. Apoderaram-se os fanáticos de várias carabinas *mauser*, seis cargueiros de mantimentos, roupas, barracas, etc. Os soldados de tudo se desembaraçavam para correr mais depressa. (QUEIROZ, 1966, p. 132).

Ainda caracterizando formas de violência, Fanon foi categórico em afirmar que nem sempre a mesma ocorre a partir de um propósito coletivo. A violência pode girar no vazio (FANON, 1961) em um período de longa duração do colonialismo. Muitas delas se dão mediante descargas emocionais ou, até mesmo, "esgotar-se em lutas fratricidas." (FANON, 1961, p.54). O contexto em si, não é favorável para o colonizado e a violência se torna uma forma de gartir a sobrevivência perante a opressão do colonizador, e também resultar em uma ação violenta contra os pares sociais que também sofrem esta opressão, colocando-os uns contra os outros.

Quando a luta alcança a categoria de violência fratricida, o confronto entre os semelhantes acontece no âmbito moral e material, na situação de colonizado e na luta pela vida. Por mais que a situação na Região do Contestado fosse apenas de tomada de suas terras, o avanço das forças repressoras sobre os redutos, os espaços de culto e prática de sobrevivência nos costumes locais, não fizeram desaparecer as contradições e desavenças internas.

Frantz Fanon (1961) tentando explicar a violência fratricida entre a população argelina, demostrou como o colonizador caracterizou o argelino como um criminoso. Este tipo de pensamento foi criado e divulgado pelos magistrados, advogados, jornalistas e médicos-legistas que passaram a caracterizar o argelino como alguém melancólico e compulsivamente violento.

As teorias e justificativas advinham de explicações de que havia uma organização diferente no próprio sistema nervoso desta população. Uma dessas justificativas é de que o argelino utilizava muito pouco os lóbulos frontais de seu cerébro, justificando a

violencia do argelino enquanto um indivíduo violento compulsoriamente. Frantz Fanon (1961) se esforçou em mostrar que a indolência, a preguiça e a reação do argelino foram resultadas da utilização total de seu cérebro contra a força que o oprimia cotidianamente.

A violência em série, advinda da população argelina, foi resultado do problema colonial (FANON, 1961). Esses magistrados, médicos, policiais e diferentes profissionais, abordaram a situação momentânea sobre a relação do colonizado com o sangue, a violência. Recolheram elementos "sobre a criminalidade argelina", que "pareceram ser suficientes para especificar o facto e elaborar uma tentativa de sistematização." (FANON, 1961, p. 318).

Na área do Contestado, os agentes repressivos do Estado, adotaram teorias que justificavam a cor da pele como um problema, resultando em um grupo social estigmatizado pela população local. Os caboclos pardos ou cor de cuia eram conhecidos de diversas maneiras, mas possuíam qualidades que não negavam sua natureza guerreira.

Os habitantes da colônia eram forçados a odiar seus colonizadores, aqueles que os oprimiam. Sabia dos perigos e dos desafios com as instituições que teria que lidar ao usar violência contra o Estado ou um estrangeiro. Ao matar o colonizador, o colonizado estava se olhando no espelho: matar era também motivo para suicídio, para o indivíduo que permitiu a colonização.

A situação se tornava sufocante e a morte foi uma forma de extravasar o sentimento de ódio e opressão. A prisão interna, em situação extrema de calamidade, era potencializada no fio do facão, no gatilho da garrucha ou do pica-pau. A questão não era somente viver, mas tentar não morrer. A existência significava resistência da vida, mesmo na incerteza sobre o que procurar para comer, fazendo com que o "estômago cada vez mais reduzido, cada vez menos exigente, é verdade, mas que, de qualquer maneira, é necessário contentar." (FANON, 1961, p. 330). A fome e a sobrevivência se tornaram o principal motivo para o revide violento aos regimes coloniais.

O contexto anterior ao movimento bélico também deve ser caracterizado pelos aspectos da violência já identificados na Região do Contestado. O sociólogo Duglas Teixeira Monteiro (1966) identificou algo que denominou de violência costumeira, associada ao modo de vida dos moradores que viviam distantes dos centros urbanos, alijados que qualquer avanço trazido pela tecnologia moderna e uso de máquinas, entre outros, e, também, por uma violência que o sociólogo chamou de inovadora

(MONTEIRO, 1966). Esta última advinda com a chegada do capital internacional na região e pode ser identificada com as formas de despejo da população de suas moradias e terras tradicionais, uso de armas para coibir qualquer resistência, entre outras formas identificáveis.

A violência interna, ou seja, nos redutos, possou a ser cotidiana na etapa final do movimento bélico. Diante do cerco do exército, da escassez de alimentos e das mortes por inanição, o uso da força foi uma tentativa desesperada de buscar uma coerência interna. As ações violentas carregavam um sentido de resistência e luta diante das tantas adversidades. As condições materiais e psicológicas de um grupo humano cercado, faminto e moribundo, detido sob a imposição da pólvora e das execuções sumárias, estava diante da violência fratricida.

O inimigo, representado pelas forças do Estado, se impôs pelas armas contra os rebeldes. Perspectiva naquele ano de 1914, somente a morte no horizonte e a certeza de lutar até o fim, num constante matar e morrer. Os que conseguiram sair dos redutos e se entregar, eram tratados como traidores internamente, tendo a pena capital como punição em caso de tentativa falha de deserção. Em caso de sucesso e alcance de uma força oponente para rendição, o destino poderia aliviar o peso da condenação de um antigo companheiro de reduto por mais um assassinato, mas nem sempre daria o salvo-conduto para continuar com o único capital que ainda tinha, ou seja, a vida.

O cerco militar imposto pelas tropas do exército, desestabilizou o movimento, causando tensões entre os laços fraternos. Dado que a população maltrapilha dos redutos vivia, com falta de alimentos, condições degradantes, doentes e morrendo por inanição, o camandante Setembrino de Carvalho, “ao contrário do que fizera no seu primeiro manifesto logo no início das operações, não prometeu mais terras aos sertanejos.” (QUEIROZ, 2966, p. 243). Buscando estabelecer conversas com Antônio Tavares, as tropas militares repetem o discurso do progresso e do patriotismo voltados ao trabalho.

Para outro militar, Dermeval Peixoto (1920) escreveu que naquele contexto de enfraquecimento do movimento, o único caminho para a felicidade de tanta gente angustiada, seria o retorno ao trabalho nas colônias agrícolas. Na lógica a ser imposta aos moradores dos redutos, seriam estes os únicos meios de realocar e representar as vontades da população sertaneja do Contestado.

> Atrazados nos costumes, falhos de toda instrucção, evitavam sempre aproximar-se do progresso. A estrada de ferro fora-lhes, portanto, um espantalho; havia-lhes preterido nas posses de terras devolutas do governo...
> Os jagunços, ao desocupar o local, em refúgio para a <<Jerusalém da serra>>, atearam fogo as casas de todos aqueles que não os acompanharam. (PEIXOTO, 1920, p. 562).

No ano de 1915, um grande contingente humano se rendeu às tropas federais devido às situações precárias que se encontrava o movimento. Cerca de 3000 pessoas se entregaram ao longo do mês de janeiro. 300 em Papanduva, 65 em Rio Negro, 243 famílias em Canoinhas, 528 indivíduos em Lages, e outros. No entanto, a perda de contingente humano não foi o fim do movimento, pelo contrário, possibilitou novas oportunidades para o enfrentamento das tropas, uma vez que as crianças, mulheres, os idosos e outros tantos morrendo de fome, não seriam mais preocupação dos líderes do movimento (QUEIROZ, 1966).

Muitos dos que fugiam dos redutos morreram nas matas por inanição. Do destino daqueles que se desvincularam do movimento, sabe-se que muitos morreram pouco depois de localizados. Um vaqueano consagrado herói após os anos de combate, Pedro Ruivo, responsável por conduzir os revoltosos a prisões e outros espaços de contenção humana, quando se distanciava das vilas, degolavam os sertanejos, deixando os corpos para os porcos e corvos que tinham fome. “Afirma-se que somente Pedro Ruivo praticou nesses dias mais de 100 assassínios.” (QUEIROZ, 1966, p. 248).

Por fim, podemos perceber neste capítulo que a violência do Contestado está vinculada à exploração de novas terras e novos recursos, que podem ser benéficos para o capitalismo internacional e seu funcionamento. Para dar validação nas ações repressivas do Estado contra a população que ocupava a Região do Contestado se tornou necessária a formulação de discursos que garantiam a legitimidade para a violência contra o sertanejo.

Bandidos, jagunços, desordeiros, fanáticos, atrasados, ignorantes, preguiçosos, e outros adjetivos, foram utilizados para caracterizar o homem da terra como alguém avesso ao progresso que a República, representada e defendida na Região pela *Brazil Railway Company* e suas forças particulares, permitiu explorar as riquezas naturais e o trabalho destes e também de outros imigrantes e migrantes pobres que passaram a viver na mesma região, principalmente depois da construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande.

Ao caboclo do Contestado, restou apenas a resistência por ações violentas, que vão perpassar no âmbito social, de construção de uma consciência crítica e objetiva da sua realidade, em relação com os problemas internos e a condição colonizada de ter suas terras invadidas pelo capitalismo, de milhares pagarem a preço de sangue a ousadia da rebeldia contra forças tão poderosas.

Dessa forma, a descolonização do território se tornou a única forma de enfrentamento à desigualdade de classes empreendida pelo governo federal. A resistência faz parte da história cabocla, que acabou em massacre, das mais aterrorizantes possíveis, dos quais os civilizados — governo republicano com o exército, as forças de segurança dos estados e os vaqueanos, se mostraram capazes da barbárie, praticada em prol da consolidação de interesses políticos, econômicos e sociais de uma classe nacional e a serviço do capital internacional.

Por mais que as teorias e as adjetivações alcançaram os extremos e, ainda, mesmo nos tempos depois da Guerra do Contestado, os "colonizados" ainda trazem resquícios de termose atribuições como "fanáticos", "jagunços", "desordeiros", "facínoras", "impatrióticos" e outros, nada comprovou que a violência, em qualquer de suas formas, era da natureza do caboclo da Região do Contestado. Ele não matou desde sempre o seu semelhante.

As trajetórias demonstram que, muito antes da Guerra do Contestado, outros povos colonizados, também foram inseridos em contextos de violência, principalmente quando o motor da história era acionado e se chocavam outros interesses, avessos ao avanço das relações imperialistas do capitalismo.

# 3 O EXERCÍCIO DA VIOLÊNCIA DO ESTADO E DO CAPITAL INTERNACIONAL NA REGIÃO DO CONTESTADO

A violência sempre foi um meio para se alcançar novas fontes de riquezas, matérias, mercadorias, territórios e força de trabalho. A violência é responsável pelo novo. Mesmo com o avanço desenfreado do capitalismo, o desenvolvimento de novas tecnologias, além da rápida circulação de informações, não alterou a relação do homem com a violência para se alcançar alguns objetivos. No Contestado, os mandantes dos crimes contra os povos oprimidos nunca são colocados como os vilões, a ordem capitalista defende com unhas e dentes as ações genocidas de lideranças políticas. É notável como o discurso coloca os sertanejos como seres inferiores, bárbaros e aptos a violência, e, por outro lado, colocam os militares como heróis, homens que defendem o seu povo, civilizados e corretos em suas atitudes.

No conflito do Contestado, já vimos que o sertanejo e seus ritos culturais, são explicados para o mundo a partir de uma visão eurocêntrica, que reduz o sertanejo à barbárie e atraso social. Diminuem o sertanejo, generaliza-o como bandido, violento e atrasado, para se facilitar a violência contra esse grupo social. Essa ação foi fortemente estabelecida devido à necessidade de reprodução do capital em longa escala na região contestada.

A explicação atribuída ao sertanejo foi estabelecida através da metafísica, no campo das ideias, pois assim cria-se uma ciência que serve de munição para os grupos dominantes organizarem o sertanejo ao seu modo, para a realização de suas vontades capitalista, impondo um desenvolvimento econômico que não cabia ao sertanejo. Os historiadores de farda, justificaram no passado que a violência inovadora não seria tão nova assim, e que o sertanejo estaria acostumado a viver em conflito diante da violência. Esse argumento pouco se consolidou materialmente, mas representou a vontade do opressor de legitimar a sua violência.

## 3.1 O ENCONTRO ENTRE O PROGRESSO E A VIDA TRANQUILA NOS REDUTOS

A população presente na região contestada possuía costumes diferentes da população que vivia na região litorânea do estado de Santa Catarina e de todo o Brasil urbanizado. Os costumes, as tradições, eram passadas e preservadas através do convívio e da transmissão oral. O modo de vida rudimentar, não estava preparado para a recepção do progresso civilizacional, a qual os costumes e modo de vida, estavam voltados para a produção de subsistência e pequenas trocas de mercadorias.

Pescar, caçar, plantar, colher mate, cuidar da terra, etc., eram práticas cotidianas presente entre as populações caboclas, indígenas e os pequenos posseiros da região. A realidade dessas populações milenares, passaram a ser afetados quando esse território ganha os holofotes do progresso civilizacional carregado pelas forças do imperialismo e do colonialismo atuante naquele período e região.

A ocupação do interior do território Catarinense, estava sendo almejada para uso de extração de matéria-prima, e também para a ocupação de populações brancas para este território. Terras reconhecidamente férteis onde a "sedição se alastrava ameaçadoramente das margens do rio 'Iguassu' às margens do Uruguai, da linha extremada por Lages e Rio Negro ao trecho da via-férrea S. Paulo-Rio Grande, interposto entre aqueles cursos d'água." (CARVALHO, 1950, p. 129).

Setembrino de Carvalho, engenheiro militar, foi o responsável pela construção do trecho que ligaria Porto Alegre a Uruguaiana, alcançando a cidade de São Borja, no Rio Grande do Sul. Às vésperas do início das obras, o pelotão é surpreendido por um engenheiro estrangeiro, contratado por uma companhia inglesa para executar a revisão do traçado de São Borja, um contrato assinado com o governo republicano. A empresa estrangeira, teria custos menores do que com o Brasil, que pagaria 50 contos de réis, o ouro para cada quilômetro. Contudo, houve uma alteração na construção do ramal entre Cacequi e São Borja, para ligar Cacequi à cidade de Santa Maria. De acordo com

Setembrino (1950) “a escolha resultou sem dúvida de injunções interesseiras de pessoas prestigiosas junto ao Governo.” (Idem, p.81).

Prolongada as desavenças sobre limites nos estados de Santa Catarina e Paraná, sobretudo no judiciário, ficou entendido para o governo a necessidade do exército em interferir na região. No entanto, especula-se de que essa mudança se tratava de uma estratégia política para favorecer o estado do Paraná, na disputa de terra entre os dois estados. Haviam, neste plano, interesses políticos e econômicos que não compreendiam a existência de população tradicionais que ali viviam. “Era talvez um plano político, arquitetado nas dobras do manto de paz e estender-se no solo contestado” (Idem, 126), resultando na execução de ações que viriam dizimar as populações caboclas, indígenas e fiéis do Monge.[13]

Queixoso sobre os motivos de sua atuação naquelas terras em disputa, O Marechal Setembrino de Carvbalho deixou claro que sua atuação não seria política e sim, militar: resolver a desordem causada por “fanáticos” do Contestado. Concordamos com Katiuscia Maria Lazarin (2005) quando afirma em sua dissertação que a utilização da noção de fanatismo se dava para “explicar os fenômenos que estremeciam a ordem pretendida pelas elites dirigentes do país durante as primeiras décadas da República, pode ser pensada a partir do temor republicano em perder o poder muito recente adquirido.” (LAZARIN, 2005, p. 95).

Os moradores da região do Contestado, por não se enquadrarem aos moldes do progresso, eram interpretados pela elite local e seus representantes na política, como uma devoção cega a um monge cuja religião seria atrasada, retrógrada e imoralmente praticável. Assim descrito a população sertaneja no Contestado por Fernando Setembrino de Carvalho:

> Imaginar-se os frutos de uma tão deplorável anormalidade em terras habitadas por populações em sua quase totalidade ignorantes, trabalhadas por um fanatismo funesto, que introduzindo-se mesmo no lar dos menos incultos de lá arrancava a esposa, a filha, estrangulando os

[13] É importante pontuar que na região do Contestado, antes mesmo do início do movimento, perambularam monges curandeiros pela região que marcaram presença para a população sertaneja. O primeiro deles foi o monge João Maria, que possuía a prática do curandeirismo e também realizava profecias que resultaram na formação da fé nos monges por parte da população camponesa da região. O segundo deles foi José Maria, uma figura mística que realizava rezas e curava as enfermidades da população carente e afastada dos centros urbanos. Essas figuras foram centrais para o surgimento da fraternidade entre os sertanejos e a criação do messianismo religioso.

> laços dos mais caros e sublimes afetos, para conduzi-las aos antros criminosos, onde as consciências se obscureciam pelas ilusões de uma falsa religião. É facílima a operação de espirito, para quem conhece a índole, o temperamento os costumes e hábitos dos nossos sertanejos, que vivem, por assim dizer, segregados dos centros de civilização, obedecendo quase somente aos impulsos naturais. Dos saques ao assassínio das crianças, do defloramento das donzelas à matança das mulheres em pleno período de fecundação pela faca cortante, penetrando as entranhas da vítima, da devastação das propriedades particulares aos incêndios [...] edifícios públicos, que eram verdadeiros marcos de progresso daqueles ínvios sertões, tais eram os polos da atividade feroz dos fanáticos, núcleo onde se gruparam os bandidos de procedências varias, que na infeliz e bela porção das nossas pátrias terras, encontravam um vasto e farto campo para pasto de seus perversos instintos. (CARVALHO, 1950, p. 131).

A inversão do que realmente era para o que parecia ser, era o caminho mais fácil de se legitimar a substituição daquilo que aparentava atrasar o desenvolvimento econômico-político na região pelo que seria possível a instauração do progresso, sendo a violência do progresso a única resolução dos problemas sociais que balançavam as massas.

Segundo Duglas Teixeira Monteiro (1974) vê-se no movimento messiânico do Contestado um "conjunto de determinações objetivas" que determina a existência de uma "dimensão de esperança" em uma mudança dos tempos sombrios que aquela população enfrentava sem nenhum tipo de auxílio governamental.

Nesse sentido, percebe-se a busca por uma mudança estrutural da realidade localizada a partir do plano espiritual. Diferente da visão estabelecida pelas elites da época, os rebeldes do Contestado demonstram sua atuação no tempo histórico, acompanhando os tempos de mudança a partir das necessidades reais de seu tempo e espaço. Uma verdadeira assimilação da totalidade da sociedade.

Enquanto por um lado os militares e o governo federal estavam em busca de uma solução favorável para o poder público, a população do Contestado sangrava em busca de dignidade humana a partir da sua luta e suor. O encontro principal entre Progresso e milenar, se dá a partir da atuação de cada grupo envolvido e as motivações de suas demandas: as tropas representam a noção de civilização, progresso e domínio político, os rebeldes representam a busca pela luta, pela tradição e pela cultura como mestra da vida.

Mostramos até aqui que a atuação militar estava voltada para um objetivo político, os quais os militares, acreditavam estar cumprido o dever de garantir a segurança da nação

e defender os interesses que colocavam o Brasil nos rumos do capitalismo global.

A inserção do Brasil no cenário industrial, necessitou de uma série de ações do governo que possibilitaram a infraestrutura necessária para o desenvolvimento econômico do país. Dentre elas, a construção de pontes e estradas de ferro que conectavam o país com os países vizinhos (como Paraguai, Argentina e Uruguai) e também a conexão entre estados, para um transporte mais eficiente dentro de nosso território (construção de estradas de ferro em Santa Catarina, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, etc.).

Neste plano, a interferência internacional no desenvolvimento do capitalismo no país é muito presente. A Brazilian Raylway Company responsável pela construção da estrada de ferro que ligara o Rio Grande Sul a São Paulo, teve uma importantíssima atuação nesta missão. Temos aqui o encontro do progresso e do passado, do imperialismo e da cultura dos povos tradicionais das periferias do mundo. Além do encontro marcante entre massacre dos "filhos da pátria" e o genocídio ecológico em nome do capital estrangeiro. Vejamos os interesses da empresa para além de executar a construção das linhas férreas:

> In the last Report it was explained that the São Paulo-Rio Grande Railway Company had transferred to the Brazil Railway Company its rights over a vast area of land included in the Railway Concesion granted to them by the Federal Government of Brazil. Theses lands cover as area of about 6,000,000 acres. (BRC Annual Report, 1910, p. 16).

A concessão dada pelo governo cobria uma área que não só possuía rica vegetação em árvores e madeiras de grande resistência, como era ocupada por uma série de grupos de agricultores e indígenas, que aparecem sutilmente no documento elaborado pela BRC. A concentração em terras em grandes latifúndios, vinha mantendo o crescimento da propriedade privada, restando pequenos espaços disponíveis para o cultivo, atendo-se também a espera de novos ocupantes (QUEIROZ, 1966).

> [...] com a proclamação da República, a propriedade das terras públicas passou do governo central para os Estados, e estes, cujos governos eram controlados pelos coronéis, distribuíam barato pelos chefes políticos e seus amigos as últimas extensões praticamente disponíveis. (QUEIROZ, 1966, p. 64).

Os posseiros, ou pequenos agricultores que ocupavam pequenos pedaços de terras, com o passar dos anos, foi tendo dificuldades para manter a pequena propriedade utilizada

para seu sustento. A dificuldade de novas posses para estas pessoas, se acentuou a partir da concessão de terras dada a BRC pelo governo, resultando na diminuição da possibilidade da coleta do mate em terras com avanço do desmatamento, agravando a questão da subsistência da população milenar do Contestado.

Antes mesmo da chegada da empresa, que não só se ocupou em construir as estradas de ferro, mas também em criar uma empresa de colonização em suas áreas demarcadas, também possuíam o empreendimento da serra de madeira e exportação da matéria-prima.

A propósito, a propriedade privada é um sinal obvio do que queremos separar entre milenar e progresso. Por serem em sua maioria iletrados, os sertanejos viam dificuldades em garantir o seu pedaço de terra, sendo cada vez "mais frequentes as expulsões dos intrusos, que ficavam sem ter para onde ir ou tinham de sujeitar-se a condições de trabalho que de outra forma não aceitariam." (QUEIROZ, 1966, p. 64). Dessa forma, ficava impossível a garantia dos direitos da posse, uma vez que as populações menos favorecidas, eram tratadas como intrusas em uma terra que por muito tempo já era lhe pertenciam antes mesmo da chegada da colonização e da presença da empresa estrangeira.

Ainda no século XIX, a coroa portuguesa não tinha capacidade suficiente para administrar todas as exigências de cultivo e posse da terra no planalto catarinense. A realidade, é que essa debilidade do governo facilitou aos colonos a expansão de suas propriedades sob as populações indígenas, pequenos posseiros, caboclos que cultivavam pequenas áreas na região. Muitos dos que buscaram estabelecer uma pequena propriedade, primeiro cultivavam uma lavoura, para depois requerer a justiça o direito de posse através da Lei de Terras.

Dom Pedro II durante o Segundo Reinado no Brasil, promogou a Lei de Terras em 1850, dando inicio a grande concentração fundiária no país. O projeto da lei passou por debates, negociações e impasses no Parlamento por anos, refletindo a influência dos senhores de terras na sua redação. Argumentos como a falta de força dos pequenos camponeses para lidar com questões fundiárias sustentaram a decisão de manter a divisão em latifúndios.

Assim, o cenário fundiário no Império era caracterizado por terra sem dono claro, ocupações irregulares, falta de documentação e conflitos constantes entre posseiros e

sesmeiros, demonstrando a urgência de regulamentação fundiária para evitar a instabilidade e violência na zona rural.[14] O inicio do Movimento do Contestado é marcado drásticamente pela influência da promulgação da lei.

Com o cultivo da terra, era possível estabelecer uma propriedade a partir da Lei de Sesmaria, pois aquela terra estaria cumprindo uma função social reconhecida pelo governo, seja a sua utilização para vias de produção de alimentos ou para colonizar novos territórios. (VALENTINI, 2023, p.55). Se não houvesse nenhuma reclamação de terceiros, era lhe garantida legalmente aquela terra. Com isso os grandes proprietários puderam expandir seu latifúndio, estabelecendo ligações entre grupos de governança, coronéis e fazendeiros, que utilizavam do poder político para garantir os seus interesses econômicos e sociais. A partir disso, passou a vigorar a Lei de Posses.

A partir disso, podemos concluir que o estabelecimento da propriedade privada sob o solo contestado, foi a principal causa que obrigou o sistema de governança republicano a lidar com as massas rebeldes, no intuito de favorecer a elite econômica e política da região.

O Coronel Carlos Cavalcanti, possuidor de terras na região, manifestava grande ânsia pelo estabelecimento da "paz", pois não era de seu interesse que o conflito chegue ao "esbulhar das terras, onde o labor de seus filhos extrai a seiva de seu progresso econômico." (CARVALHO, 1950, p.137). O próprio governador de Santa Catarina, Coronel Felipe Schmidt, dava afirmativas diretas ao Chefe expedicionário da campanha no Contestado, Fernando Setembrino de Carvalho, de apoio a resolução do conflito, pois "os recursos econômicos estagnavam-se ao fogo do facho revolucionário." (CARVALHO, 1950, p. 137). Capitão da Guarda Nacional em Santa Catarina, Aleixo Gonçalves também possuía energias a favor da resolução do conflito, sobretudo para a solução da questão de limites, pois ali também havia terras de sua propriedade.

A partir dessas afirmativas percebemos que a garantia e o estabelecimento de uma área bem demarcada, com divisas, rotas e caminhos bem construídos para envio de mercadorias, construção de prédios civis, só viriam com o apagamento da população que ali viviam em dificuldades sociais a partir do seu contato com o progresso trazido pelos

[14] Para compreender mais sobre o conflito gerado após a Lei de Terras, uma série de estudos e trabalhos podem ser encontrados, como o próprio texto explicativo do Senado. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios.

braços da república e manejado pelas mãos do imperialismo. As terras só seriam bem distribuídas e organizadas, para aqueles indivíduos que já possuíam algum tipo de prestígio social. Os indivíduos que se aproveitaram da carência dos primeiros por anos, agora buscam exterminá-los para aprimorar o progresso econômico em benefício de sua família.

Portanto, como boa parteira da história, a violência será legalmente dada como solução dos problemas enfrentados pela população sertaneja, e inicia-se uma nova história de prosperidade às classes abastadas da região Contestada. Concordamos em parte com Duglas Teixeira Monteiro (1974), quando este afirma que "a *Guerra Santa* evidenciou uma crise na concepção do mundo, por este fato, foram postas em jogo as próprias bases estruturais da totalidade social tal como podia ser percebida pelos sertanejos." (MONTEIRO, 1974, p. 189).

A forma que os sertanejos compreendiam o mundo estavam fielmente calcadas na sua realidade material. Quando tudo aquilo que forma esse conjunto do que é real, é desestruturado, demonstra que o mundo dos sertanejos que está sofrendo uma crise, e não a forma com que estes percebiam o seu mundo. A mudança é real e estrutural. A perda de terras, a dificuldade para a subsistência, a morte do Monge, a destruição da floresta, são acontecimentos reais e materiais trazidos pelo progresso que destroem o mundo milenar destas pessoas, fazendo com que sua revolta seja uma resposta à aquilo que estava se desintegrando pelas forças imperialistas e do mandonismo local do Contestado.

## 3.2 DISPOSIÇÃO E CAPACIDADE BÉLICA DO ESTADO

> *A preparação para a guerra não comporta unicamente as questões de efetivo, instrução militar e de tática, mas ainda, e, sobretudo um lado intimo e humano: aquele que, fazendo apelo ao coração dos executantes, procura inspirar-lhes os lances generosos e os grandes sacrifícios.* [15]

No Governo Hermes da Fonseca (Partido dos Republicanos), Setembrino foi

[15] CARVALHO, 1950, p.138.

designado para o cargo de chefe do Exército. O General Vespasiano Gonçalves d'Albuquerque, por sua vez, sempre buscou em seus afazeres lidar e tratar da questão da Aviação Militar, numa busca de aperfeiçoamento do corpo militar. Com as inquietações sociais que tanto perturbavam a ordem da república, percebe-se uma busca pelo aperfeiçoamento militar, não somente a bravura na guerra.

Quando apontamos aqui anteriormente que o exército conduziu um massacre, com o abuso de força sobre população pobre, utilizando de armamento bélico de primeira para a utilização dela em combate, logo temos a impressão de um corpo de homens bem preparados para a guerra. Mas nem sempre foi esse o contexto do combate. Nem sempre assistimos somente às vitórias em uma guerra, como podemos observar na dificuldade dos soldados em um ambiente pouco conhecido, apontado por Mauricio Vinhas de Queiroz (1966):

> Entretanto, parece que o tiro dos obuses foi mal calculado, e a peça de montanha não funcionou a contento, seja porque a munição estivesse úmida ou porque fosse muito velho o canhão. Nesta emergência, resolveram atrelar um obus a uma junta de bois e mediante uma picada aberta com rapidez levá-lo onde estava aquele canhão e de onde poderia este fazer tiro direto. "Mas a tanto esforço e abnegação não correspondeu a sorte das armas. As granadas atiradas agora diretamente não conseguiam sequer derribar as toscas vivendas do reduto. Não encontrando resistência para a penetração e consequente explosão, as granadas perfuravam as casas e a igrejinha de madeira e arrebentavam adiante." (PEIXOTO, 1916: 621 *apud* TEIXEIRA, 1974, p. 256).

Assistimos, fugas, mutilações, perde de armas, suprimentos escassos, e todo tipo de caos em uma guerra. A morte de um companheiro, a perda de um fuzil, a perda de um combate. Todo tipo de contratempo. Neste capítulo acompanhamos os avanços militares como corpo armado de combate dotado de competência e instruções para a realização da guerra, e, ao mesmo tempo, dar atenção aos contratempos, as dificuldades das tropas, as condições de combate com o passar dos anos em terras desconhecidas por muitos dos soldados.

> [...] Alguns soldados foram mortos. Ao amanhecer, já não estavam mais junto às tropas as carroças portadoras dos víveres. **O reabastecimento das mesmas teve que ser feito mandando-se um pelotão recorrer aos comerciantes de Vila Nova do Timbó**. Piquetes de soldados encontraram pelas cercanias muitos cadáveres de caboclos. Só numa trincheira-tronco, por exemplo, havia dezesseis. (AURAS, 2001, p. 97. **GRIFO NOSSO**).

No Brasil e na formação do corpo militar na primeira república, sempre se pensou

no exército como uma instituição responsável pela segurança e pela ordem da nação. Os militares por sua vez, sempre acreditaram exercer uma "atividade realizadora e benéfica para o Exército e para a nação." (CARVALHO, 2005, p. 64). De acordo com José Murilo de Carvalho (2005) os militares republicanos, apoiados sobre ideias divulgadas por militares jornalistas, entendiam a necessidade do intervencionismo, sobretudo na criação do "soldado-cidadão, ínvidos estes dispostos a intervir na política e pensar a própria sociedade. Sobre esse prisma de pensamento, era dever do soldado assumir a total responsabilidade de um cidadão sem abandonar a farda, tampouco, esconder a sua subalternidade ao poder político do Estado.

> Era exigido que um militar agisse como um total cidadão justamente por ser um militar, muitas vezes de formação acadêmica. Ideólogos militares, propunham esta ideia no intuito de estabelecer uma "função conservadora e estabilizante" (CARVALHO, 2005) a fim de corrigir a sociedade em marcha e colocá-la nos trilhos do progresso em meio as convergências políticas e sociais que a sociedade brasileira se encontrava na passagem do século XIX para o XX.

Sobre essa ideologia, encontraremos o contato do progresso representado pelos militares e a estrada de ferro que ligaria inicialmente o estado do Paraná e o Mato Grosso do Sul:

> [...] Esta patriótica medida era de evidentes proveitos para o Exército e ainda mais à Nação. Forneceria aos oficiais e praças de engenharia a prática dos serviços de sua especialidade, habilitando-os ao desempenho da missão que lhes compete na guerra. A nação, particularmente, porque construiria, economicamente, um instrumento magnifico de defesa, como soe ser uma estrada estratégica, ligando um porto de mar, no Estado do Paraná, ao Estado longínquo de Mato Grosso. (CARVALHO, 1950, p.66).

No alto do calor do período em que o Marechal Setembrino vos fala, já haviam iniciado os ataques as obras iniciadas no Rio Grande do Sul. Obras estas de construção da linha férrea do progresso, sobre o comando do batalhão do Setembrino, que na época havia alcançado o cargo de comandante em 1906.

No início gozava de recursos para a efetivação da obra no Rio Grande do Sul, até começarem a ficar escassos, seguido de créditos mínimos e exíguos. Essa medida mostra que inicialmente não havia interesse por parte dos governantes em dar continuidade às obras no Sul do país. O que seria benéfico para a nação agora se apresentava como um gasto desnecessário. Setembrino, grande visionário, entendia a necessidade e importância

da construção da via-férrea:

> [...] Econômica, porque atravessando terras de reconhecida fertilidade, algumas possuindo núcleos coloniais em franca prosperidade, traria o desenvolvimento agrícola da região, criando ao mesmo tempo fatos elementos de tráfego, e desenvolvendo os já existentes. Com efeito, todos os produtos da região missionária, destacando-se a erva-mate e madeiras, seriam por ela exportados, acabando de vez com os penosos transportes tirados a bois. Estratégica porque, dirigindo-se normalmente à nossa fronteira, facilitaria a concentração de nossas forças, em caso de guerra. Estaria toda a região ligada à Capital da República. (CARVALHO, 1950, p. 71).

Nessa visão progressista, entendia-se a construção da linha férrea também como uma forma efetiva de incorporar o território do Contestado aos centros de comércio e populacional do Brasil. Naquela época, já com a colonização europeia em curso no Sul do Brasil, pensava-se a estrada de ferro como uma forma de possibilitar o crescimento populacional e embranquecimento da região ocupada com caboclos, indígenas, negros e mestiços.

O sentido da construção da estrada de ferro, pode ser observado através do pensamento de Setembrino e de muitos intelectuais, jornalistas, bacharéis, doutores e políticos, de que a estrada de ferro traria a conexão destas pessoas com a civilização, tirando a "população laboriosa" incorporando-os ao "Estado que pertenciam". Isso significava a destruição da tradição dessas pessoas, obrigando-os a viverem na forma de vida estabelecida pelos países de capitalismo já desenvolvido e ao nível avançado de dominação mundial.

Os objetivos do exército na região do Contestado estão definidos. Contudo, executar essas tarefas, essas ações não são fáceis, mesmo com os caminhos traçados para atingir um determinado objetivo. a derrota está sempre próxima no campo de batalha. É preferível se preparar para a morte e a derrota do que para uma vitória em que os soldados não demonstraram compreensão. Estima-se que, no conflito do Contestado, morreram pelo menos 10 mil pessoas. A população que ali residia possuía um modo de vida rudimentar, além dos soldados que tombaram em combate e pelas diversas causas. Era evidente o massacre.

> A artilharia de montanha tomou posição e cobriu de granadas o que os soldados imaginavam ser o "reduto" de Santo Antônio (na verdade, como já dissemos, apenas uma guarda do reduto de São Sebastião). Os casebres foram reduzidos a cinzas. Soaram brados de "vitória". Já de

> posse do que pensavam ser o reduto, os soldados encontraram "12 fanáticos mortos [...]". (AURAS, 2001, p.97).

No dia 8 de fevereiro de 1914, o Estado Brasileiro enviou cerca de 700 combatentes do Exército Brasileiro a fim de resolver os conflitos que permeavam a população do Contestado. Equipado de artilharia pesada, metralhadoras, e até mesmo o experimento pioneiro na utilização de aeroplanos[16] para localizar e matar os "sertanejos enfurecidos" (VALENTINI, 2009) do campo de batalha.

Os soldados alcançaram localizações de caboclos e seguidores do monge, no entanto, para seu azar estes já haviam partido para Caraguatá, local onde viviam cerca de 20 mil pessoas. Segundo Valentini (2009), o número de contingentes envolvidos no combate chegou a cerca de 8000 mil homens, cerca de um terço do Exército oficial daquela época entraram em combate no Contestado.

Na busca de resolver os conflitos contra os sertanejos enfurecidos, a Southern Brazil and Lumber & Colonization Company exigiu a utilização da força militar na região do Contestado, para resolução dos conflitos que geravam desavenças com a presença da empresa internacional. O enfurecido sertanejo, estava vivenciando o desmatamento da terra onde cultivava seus alimentos, o desaparecimento de espécies de animais nativos e a destruição completa de sua dignidade humana.

Em uma forma de revide aos ataques sofridos em Taquaruçu e Caraguatá, os sertanejos queimaram as estações ferroviárias de Calmon e São João Pobres (VALENTINI, 2009, p. 219). Segundo Valentini, este episódio contou com cerca de 200 sertanejos que puseram em chamas aquelas estações.

No dia 06 de setembro, após alarmados os acontecimentos nas estações ferroviárias, o capitão do exército Mattos Costas, acompanhado de 60 praças, embarca no trem rumo ao epicentro dos conflitos acompanhado de parte da tropa que andava nos trilhos fazendo a contensão do trem. No entanto, as tropas militares são surpreendidas pela destreza dos sertanejos revoltosos:

[16] Durante o conflito do Contestado o Exército Brasileiro inovou ao utilizar pela primeira vez aviões no campo de batalha. Afirmamos que não se passava de um experimento que de certo modo deu certo, mas, ao mesmo tempo deu errado, pois as aeronaves ou não funcionaram, ou foram mal conduzidas, fazendo com que caíssem no solo.

> De repente saem do mato os fanáticos, aos magotes. Trava-se tiroteio. O trem recua, a toda velocidade, e só parou em Porto União, deixando sozinho Mattos da Costa e seus soldados. (QUEIROZ, 1981, p. 193).

Mesmo com a tropa oficial do Exército Brasileiro em seu preparo de combate, a população sertaneja possuía vantagem sobre o militar devido seu grande nível de conhecimento das áreas ocupadas pelo grande conglomerado empresarial de Percival Farquhar. Os combatentes do exército que sobreviveram a investida sertaneja, perambularam maltrapilhos e famintos até a cidade de Porto União. Parte destes soldados, fugiram assim que notaram a emboscada cabocla, temendo por sua vida.

Após a morte de Mattos Costa neste combate, as ações dos sertanejos foram consideradas imperdoáveis tanto para o governo brasileiro, quanto para os mandantes da empresa internacional. Em 11 de setembro de 1914, é nomeado Fernando Setembrino de Carvalho para a direção na resolução dos conflitos. A entrada do exército no combate do Contestado será a cartada final para implementação do projeto capitalista da Lumber através da violência exacerbada.

A exigência do diretor da Companhia Lumber, era de que se preservasse as "garantias individuais e para as propriedades" (SOARES, 1931, p. 91). Este argumento, de cunho liberal, é extremamente excludente devido ao não reconhecimento da presença indígena, cabocla e pequenos posseiros na região. Neste sentido, o liberalismo, que tanto prega a defesa das individualidades e da propriedade privada, torna a população regional como invasores das terras que ocupavam e que lhes pertenciam originalmente. Tal discurso, nada mais é do que um assalto as populações originárias que não buscavam gerar mais-valia através da exploração do trabalho de outro.

Como já dito antes, quem não se submete ao padrão de vida europeu estabelecido no Brasil mediante um progresso excludente, racista e genocida, é considerado uma ameaça ao mesmo padrão de vida.

As forças armadas utilizaram legalmente de novas táticas de combate e novas tecnologias militares. Inspirado nos países da América Latina como Argentina, Bolívia e Chile, o presidente do Brasil na época da entrada do exército oficial no conflito em 1914, Hermes da Fonseca (1855 – 1923) se empolgava com as novas atualizações no Exército Brasileiro. "Afinal, após a remodelação do Exército brasileiro feita por Hermes da Fonseca em 1908, quando ministro da Guerra, esse seria o primeiro momento de uma ação previamente organizada" (RODRIGUES, 2008, p.48).

O foco era o recrutamento e reorganização do exército após o episódio de Canudos, além do Brasil se encontrar em desvantagem frente a capacidade bélica e organizacional dos exércitos dos países vizinhos:

> [...] estreitou as relações diplomáticas com a Alemanha com a intenção de adotar no Brasil o modelo de instrução militar daquele país. Entre as medidas adotadas destaca-se o envio de oficiais brasileiros para **receber instrução no exército alemão, a renovação da tecnologia bélica**, a reforma e construção de quartéis e escolas militares, a renovação da doutrina militar [...] (RODRIGUES, 2008, p. 43. **GRIFO NOSSO**).

O envio de homens do Brasil para a Alemanha, era uma forma de aperfeiçoar o exército para a repressão das populações inquietas com as mudanças trazidas pela república. Grandes dificuldades foram encontradas entre estes oficiais em se adaptar e comunicar com os responsáveis pela formação militar, que segundo Rogério Rosa Rodrigues (2008) isso se dava por conta da língua diferente.

Além disso, Rodrigues (2008) nos apresentam dados da quantidade de militares enviados para o estágio no país estrangeiro, além de apresentar divergência na coleta de dados por outros historiadores.

A forma encontrada naquela época para divulgar os ensinamentos aprendidos por estes oficiais, foi através da divulgação e criação da revista *A Defesa Nacional* (Rodrigues, 2008). Na edição n.º 1 da revista podemos encontrar no sumário temas relativos ao conhecimento de novas armas, novas técnicas de combate e novas instruções militares.

Sobre estudos de metralhadores percebe-se uma grande preocupação quanto a locomoção de armas, naquele período sendo dois os principais tipos de transporte: tração (rodas) e a dorso (animais). Nos terrenos do Contestado era de se esperar um cenário parecido com o contexto abaixo:

> Em primeiro lugar, a metralhadora sobre rodas, por mais leve que seja o seu reparo especial, é uma arma de tal modo dependente do terreno que múltiplas e variadas serão as circumstancias na guerra em que se não poderá dispor dos seus inestimável serviços, dos seus reconhecidos méritos no momento oportuno e no ponto preciso, por lhe ser difícil e por vezes inteiramente impossível acompanhar as suas tropas em todos os movimentos destas. Tal não sucede com as metralhadoras de conducção em cargueiros: raramente as más condições ou os acidentes do terreno conseguirão deter, estorvar os seus movimentos, a sua marcha. (A Defesa Nacional, 1914, p. 260).

A locomoção das tropas era uma dificuldade real das tropas combatentes. Parte das dificuldades encontradas entre os soldados que combateram no Contestado, está no transporte destas armas. Durante a correria dos confrontos, muitas destas armas, se perderam ou não funcionaram no momento importante do combate devido o transporte precário e o manuseio ainda amador. Boa parte delas, foram deixadas para trás por soldados maltrapilhos desesperados por suas vidas, dando elas como vantagem na mão dos sertanejos.

Parga Rodrigues, Bertholdo Kliger e Estevão Leitão, foram alguns dos militares que se preocuparam em divulgar aquilo haviam aprendido na Alemanha enquanto estagiários do exército. Perceberam que muitos dos oficiais não dominavam perfeitamente o manejo das armas que eram utilizadas. Dessa forma, a dificuldade encontrada pelos soldados no combate do Contestado era certa:

> A facilidade com que os jagunços manejavam o facão superava em muito a dificuldade com que a carga na baioneta era dada na mata, onde o manejo da carabina é dificultado pelo seu comprimento. (D'ASSUMPÇÃO, 1917, v. 1 apud VALENTINI, 2009, p. 213.).

Segundo Rodrigues (2008) para a grande oficialidade do EB, a campanha do Contestado criava grande expectativas nos quartéis, entre os membros que se preocuparam a modernizar o Exército após a campanha de Canudos. Portanto, a campanha do Contestado não podia ser um fracasso, sendo todo aquele massacre um triunfo para o exército.

> A rapidez e a violência da repressão explicam-se, porque as classes dominantes dos Estados sulinos, particularmente os coronéis que controlavam os governos municipais e estaduais, temiam que se repetisse em sua área o drama de Canudos, que por aquela época ainda era comentado nas páginas diários. (QUEIROZ, 1966, p. 66).

Setembrino descreve com certa precisão o resultado do combate travado pelas tropas militares e os moradores dos redutos de Caçador e Santa Maria:

> O número de jagunços mortos que foi possível contar se eleva a 600... Relata que as mulheres também foram mortas e não fala nas crianças. Garante que os redutos de Caçador e Santa Maria estão extintos e conclui que: "não posso garantir que todos os bandidos que infestam o Contestado tenham desaparecido, mas a missão confiada ao Exército, cujo desempenho dependia do assalto ao Reduto de Santa Maria, está cumprida. (CARVALHO, 1916 apud. VALENTINI, 2008, p. 214).

Como podemos notar, a fatalidade do exército, mesmo com seu amadorismo no manejo de armas — além de necessitar uma reformulação nas táticas e organização do corpo militar —, foi alta e precisa, atingindo até mesmo crianças indefesas. Segundo Rodrigues (2008) o auge do fim do mandato de Hermes da Fonseca foi marcado por grandes revoltas populares, além de marcar a grande ofensiva do exército contra os fiéis sertanejos do Contestado, após dois anos do início dos combates entre os sertanejos fiéis de João Maria, e os militares, representantes da violência de um Estado genocida.

Segundo Vinhas de Queiroz (1966) a convocação de Setembrino para a resolução do conflito partiu de uma conversa direta do Ministro da Guerra com o "melhor cabo de guerra da época", que disse: "Preciso de um general para acabar de uma vez com os fanáticos do Contestado." (QUEIROZ, 1966, p. 219). Sem muito apoio da população e da imprensa de Curitiba, a intervenção militar era entendida no meio militar com uma questão a ser resolvida pelas polícias estaduais de Santa Catarina e Paraná. No entanto, devido aos confrontos fracassados destas polícias contra os rebeldes, Setembrino foi convocado dispondo de grandes recursos, verbas suficientes e cerca de 7000 soldados disponíveis para o combate (QUEIROZ, 1966).

Mesmo com as condições favoráveis para uma vitória do exército, a dificuldade ainda batia a porta. Segundo Queiroz (1966) assim que Setembrino tomou as rédeas da campanha, quatro oficiais deram logo partes de doentes. Além disso, não "havia nenhum conhecimento preciso da topografia, nem sequer um mapa oficial da área." (Idem, p.220). No entanto, como bom militar, Setembrino possuía planos:

> O General Setembrino concebeu um plano de campanha que consistia em cercar a área dominada pelos jagunços mediante quatro frentes que correspondessem aos pontos cardeais. Assim, visava a reduzir pouco a pouco os fanáticos por meio de um sítio cada vez mais apertado. (QUEIROZ, 1966, p. 220).

Tal tática teve resultados imediatos, pois entre os dias 14 e 20 de setembro a circulação da EFSPRG, já havia sido efetivada, ajudando a impedir novas interrupções e passagem de jagunços para os assentamentos em Palmas e Irani. A diretoria da BRC, apoiou fielmente a atitude, uma vez que as ações dos rebeldes causavam transtornos nos empreendimentos de Farquhar.

| Composição e destino | Ano | Comandante | Resumo |
|---|---|---|---|
| Força federal a Canoinhas | 1905 | Capitão Aleluia Pires | Desarmamento do bando de Demétrio Ramos |
| Força paranaense ao Timbó | 1905 | Juiz Morais Machado | Aprisionamento da Família Demétrio |
| Força catarinense a Curitibanos | 1911 | Major Januário Côrtes | Perseguição aos fanáticos |
| Força paranaense ao Irani | 1912 | Coronel João Gualberto | Expedição Irani |
| Força federal ao Herval | 1912 | Tenente-coronel Pedreira Franco | Destacamento de socorro |
| Força federal a Palmas | 1912 | Coronel Pirro | Expedição a Palmas |
| Forças federal e catarinense a Curitibanos | 1913 | Não consta | Os fanáticos voltaram à zona catarinense |
| Forças federal e catarinense | 1914 | Capitães Adalberto, Esperidião e Euclides | Primeira investida em Taquaruçu |
| Forças federal e catarinense | 1914 | Tenente-coronel Aleluia Pires | Arrasamento de Taquaruçu |
| Forças federal e catarinense | 1914 | Tenente-coronel Gamelro | Expedição Caraguatá |
| Força federal | 1914 | Tenente-coronel Adolfo de Carvalho | Ocupação de Calmon |
| Força federal | 1914 | General Mesquita | Destruição de Santo Antônio |
| Força federal | 1914 | Capitão Matos Costa | Desastre de São João |
| Força federal | 1914-1915 | General Setembrino | Grande expedição |
| Força federal | 1915 | Coronéis Pirro e Ramalho | Circunscrição militar e ocupação militar |
| Forças federal e catarinense | 1915 | Capitães Rosa e Euclides | Perseguição aos Jagunços |
| Força federal | 1916 | Coronel Bello | Ocupação Militar |

**QUADRO 1 - RESUMO DAS EXPEDIÇÕES MILITARES ENVIADAS AO CONTESTADO (1905-1916)**
Fonte: Paixoto, 1920

Quadro ilustrativo sobre as expedições militares enviadas ao Contestado a partir de 1905. O combate do Irani em 1912, onde pereceram dois líderes importantes (Monge João Maria, líder dos sertanejos injustiçados e Coronel João Gualberto com sua tropa expedicionária do Paraná e alguns de Santa Catarina) que teria dado nome a Guerra do Contestado. Fonte: RODRIGUES, Rogério Rosa. *Veredas de Um Grande Sertão: A Guerra do Contestado e a Modernização do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 52.

Um apelo foi feito por Setembrino para que os habitantes da zona de confronto evacuassem a área, buscando alojar-se nos pontos com segurança garantida pelas tropas federais. Quem não cumprir essa demanda, arriscava se tornar inimigo do Estado.

O terror do combate se alastrava cada vez mais entre os membros do movimento, colonos imigrantes e os grandes fazendeiros, chefes do poder político local. No dia 28 de dezembro, confiante da vitória sobre os rebeldes do Contestado, Setembrino emite um novo comunicado aquela população, dizendo não querer mais derramamento de sangue:

> [...], mas é preciso parar; é forçoso que se termine esta luta; que o sangue brasileiro não continue a manchar as nossas terras [...] Não venho trazer-vos a morte ou o presídio pela vitória das nossas tropas, senão concitarmos (sic) a mais uma vez a que deponhais as armas, e aceiteis as garantias que vos ofereço em nome do governo e da lei. Impõe-se, portanto, que volteis novamente ao trabalho, meio único capaz de garantir a felicidade do lar e promover a felicidade da nossa grande pátria [...]. (PEIXOTO, 1916, p. 562 apud QUEIROZ, 1966, p. 244).

Num claro discurso patriota, em coerência com o pensamento comum das elites da época, segundo Setembrino os sertanejos deveriam, sem remediar, acatar as ordens do Estado e dar continuidade as engrenagens do progresso através do trabalho. O luto da guerra deveria ser facilmente superado pelos sertanejos do Contestado, pois no cenário que se encontravam, o país "tanto precisa de patriotismo dedicado dos seus filhos". (PEIXOTO, 1920).

Após este apelo, um dos principais homens a se entregar e se apresentar as forças militares é o famoso Alemãozinho. Jagunço, levou consigo cerca de trezentos homens, declarando que "passara a descrer pouco a pouco daquela guerra. Estava agora disposto a combater, à frente do seu piquete, junto do Exército. Assegurava que "o fanatismo não passava de puro banditismo." (QUEIROZ, 1966, p. 244).

Conhecedor dos caminhos das tropas, de lugares daquela área, foi um bom informante para Setembrino. Localizou no mapa que os militares possuíam, as localizações dos caminhos para os redutos "que se mantinham em pé". Além da força militar, Setembrino possuía, agora, homens com conhecimento que as tropas não possuíam, fazendo com que o jogo de xadrez se desenrolasse totalmente a seu favor.

Um possível líder dos sertanejos, Tavares, teria dado resposta sobre a proposta de fim do movimento. No entanto, exigia certas demandas que iam de encontro com o anseio por ver resolvida a questão de limites entre Paraná e Santa Catarina. Em meio as negociações, uma investida daqueles vaqueanos que agora lutam ao lado do exército, pegou o grupo dos sertanejos de surpresa:

> [...] Armados de clavinas *mauser* fornecidas pelo Exército, os vaqueanos entrincheirados no passo do rio Correntes resistiram durante longas horas até que, graças ao reforço de uma companhia, enviada às pressas de Curitibanos, fizeram recuar os jagunços. (QUEIROZ, 1966, p. 247).

Os vaqueanos foi uma ajuda dada ao exército pelos fazendeiros que queriam logo

o fim do movimento, pois aquele tipo de agrupamento onde tudo era divido e compartilhado, apresentava uma ameaça para o prestígio social que os fazendeiros envolvidos na vida política dos dois estados possuíam sobre as populações mais pobres. Além disso, era extremamente recorrente o roubo do gado das fazendas pelos sertanejos, que levavam tudo aquilo que conseguiam para ser compartilhado nos redutos. O companheirismo entre os sertanejos era uma ameaça ao mandonismo local.

## 3.3 FORÇAS PARTICULARES DE SEGURANÇA DO CAPITAL

Uma das principais características do imperialismo, é a conquista de grandes monopólios industriais, expansão da produtividade e expansão das áreas de produção de mercadoria. A BRC grande complexo industrial, inseridos no ramo da construção de linhas ferroviárias no Brasil e América Latina, além de se ocupar com a construção da EFSPRG, utilizou dos diversos benefícios colhidos enquanto uma empreiteira no Brasil. Dois grandes empreendimentos foram desenvolvidos após a concessão da construção da estrada e as terras doadas pelo governo para o grande complexo produtivo de Percival Farquhar: a Lumber responsável pela extração da madeira na região contestada, e após isso, com as áreas já desmatadas, a criação de colônias para os imigrantes europeus que chegavam ao Brasil naquela época. Para a garantia do bom funcionamento deste negócio, em meio aos conflitos emergentes nas Fronteiras do Sul do Brasil, o monopólio contou com a colaboração de um grupo fortemente armado que buscava a manutenção da ordem em solo brasileiro.

Independentes de governabilidade, o complexo industrial atuou no policiamento da região contestada, com a mais liberdade para a proteção da sua propriedade privada. O violento processo de expulsão de posseiros durante a construção da estrada de ferro, trouxe "um conjunto de transformações nas relações sociais, econômicas e políticas naquela região" (MOTTA, 2002, p.2). Desconhecidos do período político que se iniciava, a população retirada de suas casas e pequenas terras produtivas para o autossustento, se revoltou não só com os donos do poder local, mas também com a atuação do grupo Lumber.

Para lidar com a rebeldia cabocla, o Sindicato Farquhar contou com um grupo de

segurança fortemente armado. O grande empreendimento, demandou da utilização de mão de obra estrangeira, mas também nacional, sobretudo de diversas localidades do país. Marcia Janet Espig (2009) nos aponta que em janeiro de 1910, a construção da estrada de ferro contava com aproximadamente 7 mil operários empenhados neste trabalho, que em sua maioria pertenciam a outras regiões de diferentes estados do Brasil.

O que se sabe, é que o corpo de segurança foi inicialmente utilizado para o controle e manutenção da ordem entre os trabalhadores. Com a ausência da segurança pública, e longe dos holofotes da imprensa, de leis rígidas nas relações de trabalho, o Sindicato atuou fortemente para as obras andarem nos trilhos do progresso:

> A organização do serviço de segurança da Companhia liga-se ao nome de Aquiles Stenghel, [...] o engenheiro impôs uma disciplina rígida sobre os trabalhos e, por conseguinte, sobre os trabalhadores. Os jornais sugerem que a aparição do Corpo de Segurança se deu no primeiro momento da reorganização feita por Stenghel em finais de 1908. (ESPIG, 2009, p.2).

A disciplina estabelecida por Stenghel está baseada no controle da força de trabalho, sobretudo na manutenção da ordem na conquista do progresso. Confusões, brigas, controle de possíveis greves, e qualquer tipo de resistência por parte dos operários, eram logo controladas e amenizadas pela segurança particular do capital estrangeiro. Como mostra Espig (2009) em seu artigo, parte da historiografia sobre o Contestado percebe como positiva essa atuação. Isso se dá principalmente pela disputa de território entre Paraná e Santa Catarina que dificultava uma ação pública e efetiva na região.

Sobre os nomes que compunham o grupo de segurança pouco se tem informações, e os números também são imprecisos. Segundo Espig (2009):

> Queiroz afirma tratar-se de 200 homens em 1911, embora um dos depoimentos que coletou considere que se tratava de uns “80 praças” (1966: 72). Cabral (1979: 102) considera que o Corpo de Segurança já foi criado com 200 homens. Thomé (1983: 95) acredita que o Corpo de Segurança possuía aproximadamente 80 homens, montados e fortemente armados. Machado (2004: 152) nos fala em 300 homens, referindo-se, contudo, à estrutura da serraria que pertencia a uma subsidiária da BRC, a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, e não à construção propriamente dita. Mais do que um dado impreciso, acredito que esta diversidade de números indique que o contingente do Corpo de Segurança variou ao longo do tempo, de acordo com as necessidades da empresa. (Idem, p.3).

Os membros do corpo de segurança da empresa tiveram uma atuação positiva aos olhos da imprensa, que enxergavam indígenas, caboclos e pequenos posseiros da região como criminosos e desordeiros da ordem. Entretanto, Queiroz (1966) afirmou que não evitavam "que os trabalhadores fossem às vezes assaltados por bandidos nos dias de pagamento. Na verdade, agia apenas para reprimir protestos." (QUEIROZ, 1966, p. 72).

A ideia de que o sertanejo era um fanático, estava presente no imaginário social. Além disso, as pessoas entendiam a população sertaneja e cabocla, como um bandido nato. O diretor da empresa recorreu ao governo da República tendo conhecimento de que seu pedido seria fielmente atendido, pois o Estado tutelava e protegia os ricos, enquanto aos pobres, restava a violência do Estado e o controle social da população pobre.

Outro cenário que não se alterou até os dias atuais, é o baixo salário para os trabalhadores. As revoltas geradas pelos operários da estrada de ferro, surgiam principalmente por atraso nos salários baixos para um trabalho que renderiam quantidades absurdas de riqueza e dinheiro para os empreiteiros da estrada de ferro:

> Está em abandono a zona infestada pelos**. fanáticos, havendo falta de garantias individuais e para as propriedades.** Por isso vimos perante o chefe da Nação protestar contra a retirada das forças, responsabilizando a União pelos prejuízos que possamos sofrer naquela zona, procurando assim salvaguardar os interesses nossos, que podem ser lesados em consequência daquele ato, ao ser sabido que as povoações estão ameaçadas por horda de fanáticos, conforme protesto que lavramos hoje perante os representantes da justiça federal, para a todo o tempo fazermos valer os nossos direitos. (a) Bischap, diretor da Companhia Lumber. (SOARES. Op. Cit., p. 91 apud AURAS, 2001, p. 101).

A ideia de que o sertanejo era um fanático, estava presente no imaginário social. Além disso, as pessoas entendiam a população sertaneja e cabocla, como um bandido nato. O diretor da empresa recorreu ao governo da República tendo conhecimento de que seu pedido seria fielmente atendido, pois o Estado tutelava e protegia os ricos, enquanto aos pobres, restava a violência do Estado e o controle social da população.

Outro cenário que não se alterou até os dias atuais, é o baixo salário para os trabalhadores. As revoltas geradas pelos operários da estrada de ferro, surgiam principalmente por atraso nos salários baixos para um trabalho que renderiam quantidades absurdas de riqueza e dinheiro para os empreiteiros da estrada de ferro:

> Autores se referem a levantes de trabalhadores que protestavam contra

> a falta de pagamento ou reagiam aos desmandos dos feitores. Era trágico o resultado de todos esses conflitos. “Cadáveres boiavam nas águas do rio do Peixe, quando não ficavam sob os aterros da linha férrea. Dizia um engenheiro que, se fosse possível reunir o sangue de todas as vítimas havidas nesse tempo ali, por largo período as águas daquele rio marginal correriam rubras.” (QUEIROZ, 1966, p. 72).

Conforme pesquisa levantada em periódicos por Espig (2009), o corpo de segurança teve sua atuação positiva pela imprensa devido a intensa repressão contra os moradores da região. A criação do corpo de segurança foi para reprimir os pobres, trabalhadores e os sertanejos: “os moradores da região, os 'desconfiados' operários e a ameaça indígena.”[77] Para estes grupos não existe tutela do Estado, tampouco proteção e reconhecimento de suas necessidades financeiras, materiais e de subsistência. A violência contra estes grupos é vangloriada e aplaudida de pé pelos mandões políticos e donos do capital.

Concluídas as obras, milhares de operários ficaram à mercê da realidade da região Contestada. Distante de suas origens (boa parte vinham do Rio de Janeiro, Santos, Salvador e Recife) estes homens, revoltados pelo tratamento duro que foram submetidos em seus postos de trabalho, “aumentou em muito e rapidamente o número de moradores locais, contribuindo enormemente para o rompimento do frágil equilíbrio social vigente.” (AURAS, 2001, p. 39).

Com o crescimento tecnológico, e o desenvolvimento da empresa estrangeira em solo brasileiro, a área contestada não necessitava mais dos milhares de moradores da região, que foram aceleradamente e violentamente destituídos de suas pequenas propriedades de subsistência. As terras dos posseiros passaram a fazer parte das propriedades privadas do grupo Farquhar.

# 4 ORGANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA SERTANEJA

O general Setembrino de Carvalho ao chegar na região Contestada em 12 de setembro de 1914, após assumir o comando da ação que reprimia os sertanejos revoltosos, constatou a "penúria em que se encontrava a região. Faltava tudo." (CARVALHO, p. 39. Op. cit. AURAS, 2001, p. 115). Para conseguir concluir sua missão, o General constatou que aquela "vastidão do território infestado pelo fanatismo", seria derrotada antes de tudo, com uma ação lentamente que pudesse criar um estado de sítio para aquelas pessoas, quebrando-lhe principalmente a fome. "Estava previsto apertar continuamente o cerco sobre a área conflagrada, de modo que, dos vários redutos espalhados sobre a região, os caboclos se vissem na contingência de abrigar-se apenas em um grande reduto." (AURAS, 2001, p. 115).

Com apelo publicado nos jornais, o General Setembrino promoveu a locomoção da população local, pedindo-lhes que se abrigassem em localidades próximas aos agrupamentos militares. Após a destruição do reduto de Taquaruçu, os sertanejos invadiram curitibanos, saqueando o comércio, para alimentar as pessoas famintas que perderam a sua segurança física e alimentar ao serem desalojados do reduto. Sob os gritos de "Chega de pobreza! Chega de pobreza!" as vendas e o cartório foram igualmente arrombados e destruídos.

A partir disso, os sertanejos se rebelaram, mostraram sua força, organização e resistência contra os males que vinham sofrendo devido à ação intrusa do imperialismo em solo brasileiro. A rebeldia, a capacidade criativa e a organização social dos rebeldes dentro dos redutos, mostrou a luta contra a violência do opressor. Luta perante uma força maior que é genocida e nem se compara a resistência dos caboclos oprimidos.

Se torna incontestável apresentar dados estatísticos, argumentos e discursos sobre o caráter violento apresentado de forma concreta, seja no modo utilizadas pelos sertanejos para se defender dos avanços imperialistas na região, seja como aval para uma defesa da ordem política vigente.

## 4.1 VIDA SIMPLES E PRESENÇA DE MONGES E CURANDEIROS

A rebeldia sertaneja surgiu no momento em que seu mundo concreto foi desfeito pelos avanços do capitalismo, pelo contato do sertanejo com a República, pela perda de suas terras e também pela propriedade privada. O desenrolar das ações dos sertanejos, estão fundamentadas na "possibilidade concreta pela qual o rebelde de Serra-Acima poderia dar vazão ao seu protesto e marcar sua presença efetiva, ainda que momentânea, no interior do quadro de correlação de forças localmente em vigor." (AURAS, 2001, p.47). A inspiração real para a rebeldia do sertaneja se encontra na práxis religiosa, isto é, através da assimilação que faziam com o discurso do monge, quebrando com o sistema de compadrio movido pelo coronelismo, e, reconhecendo uma identidade histórica no monge.

> A importância dessa representação religiosa é fundamental: como um discurso capaz de explicar, a seu modo, o mecanismo as relações sociais cuja transparência não é percebida senão assistematicamente pelo caboclo e como uma ação prática, ou seja, como uma forma desse caboclo agir e deixar registrada historicamente a sua passagem por este mundo. (AURAS, 2001, p.47).

O sertanejo percebia o mundo, suas mazelas e injustiças, a partir do seu reconhecimento na participação de uma realidade dada e concreta. Este, só iria conseguir se organizar e enfrentar seus problemas, a partir daquilo que conhecia e o inspiraria enquanto um agente histórico, que reconhecia em si as dores dos seus semelhantes. Foi a partir dessas convicções que os rebeldes se organizaram e pensaram as estruturas sociais dos seus redutos.

Um fato decisivo para a ação "revolucionária" dos sertanejos foi o enfrentamento com a sociedade de classes. Como aponta, Fanon (1961) o primeiro contato do homem colonizado, com a busca por mudanças estruturais, se dará a partir do "seu primeiro confronto" que desenrola-se "debaixo do signo da violência e sua coabitação." (FANON, 1961). [83]Distantes de toda produtividade, longe dos centros urbanos, os sertanejos se encontravam quase estáveis nas mudanças estruturais de sua sociedade. Ainda, estavam distantes da lógica mercadológica imposta pela propriedade privada, e, por isso, quando confrontados com a realidade concreta, os sertanejos se obrigaram a mudar o mundo que os compreendem enquanto um mal para a produtividade capitalista.

É interessante observar que os sertanejos tiveram confrontos e embates com as mudanças. Sentiram no cotidiano, uma nova realidade, violenta e de um mundo que desconheciam: a concentração fundiária do capitalismo.

Os sertanejos rejeitaram qualquer possibilidade de adaptação ao capitalismo, negando- o veementemente. Como já afirmara Montaigne no século XVI, "todas as coisas estão sujeitas a passar de uma mudança a outra." (KONDER, 2008, p. 14). Os sertanejos mudaram o olhar para si, abandonando certas individualidades agindo como agentes históricos, reconhecidos nos rostos de seus semelhantes, isto é, da sua "irmandade" na mesma classe social que se enquadravam na vivência diária.

A partir do momento que encararam a mudança da realidade, se obrigaram a uma organização social com seus pares para o enfrentamento de uma nova realidade. Organizados nos cercos dos redutos, os sertanejos construíram a sua resistência e luta pela vida. Levavam uma vida tranquila de devoção ao monge e religiosidade prática quando foram encurralados pelas forças do progresso.

> Nos esta em Taquarussú tratando da noça devoção e não matava nem robava, o Hermes mandou suas força covardemente nos bombardear onde mataram mulheres e crianças, portanto o causante de tudo isto é o bandido do Hermes e, portanto nós queremo a lei de Deus que é a monarchia.
> O governo da República toca os Filhos Brasileiros dos tereno que pertence a não e vende para o estrangeiro, **nós agora estemo disposto a fazer prevalecer os noços direito**. (PEIXOTO, 1920, p.74. **GRIFO NOSSO**).

Os sertanejos, mesmo desconhecendo a República, a partir do seu estranhamento com a realidade concreta, tiveram noção de sua posição no mundo, e, perceberam que precisa prevalecer o seu direito à sua pequena propriedade. Indignados com a entrega de suas terras nas mãos estrangeiras, os sertanejos não pestanejaram frente ao perigo eminente das tropas federais.

Os redutos, uma espécie de fortificações erguidas com madeiras e troncos de árvore, que tinham como principal objetivo a proteção dos sertanejos desabrigados de suas casas. Caraguatá, Santo Antonio, Caçador Grande, São Miguel, São Pedro, Bom Sossego, Pedra Branca, e o maior deles, Santa Maria que na época abrigava cerca de 20 mil pessoas desalojadas.

Para garantir a segurança do monge José Maria foi criado os Doze Pares de França.

José Maria, diferente dos sertanejos gozava do privilégio de saber ler e escrever. Com isso, era comum o interesse dos sertanejos em ouvi-lo contando história, sobretudo a de Carlos Magno e seus doze mais valentes cavaleiros. Há indícios de que a "História do imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França" seria o livro mais lido na região. (AURAS, 2001). "Nasce daí a ideia de criação de uma espécie de guarda de honra – os Doze Pares de França -, que seria composta por 24 fortes e destemidos seguidores do monge." (Idem, p.61).

Durante os quatro anos de expedições militares em terras contestadas, foram erguidos diversos redutos, dos quais ambos mantinham, de certa forma, comunicação entre si. Quando eram atacados e destruídos, os sobreviventes procuravam novos redutos.

> Taquarussú, onde formaram novo reducto, um novo *quadro santo*, a *nova Jerusalém* por eles cognominada. Duas investidas sucessivas de forças federaes e catarinenses levaram ao novo acampamento dos religiosos a destruição completa. Novos reductos surgiram depois, dirigidos por empreitos da pequena guerra, acolhidos os elementos que por diversas razões se fizeram adeptos da memória dos *monges*. (PEIXOTO, 1920, p. 66).

Taquaruçu foi o local destinado para o reaparecimento de José Maria para todos. A importância do reduto, ia para além da organização militar. Era também um espaço de contemplação religiosa e convivência fraterna dos sertanejos. Foi a forma encontrada pelos sertanejos para dar continuidade aos passos conjuntos traçados para enfrentar as mudanças dos novos tempos que surgiam. A criação do reduto de Taquaruçu foi um marco histórico no desenrolar da "Guerra Santa". Após um diálogo com Frei Rogério, o catolicismo caboclo toma sua independência, possibilitando uma luta própria contra as injustiças do mundo.

As ações dos caboclos estavam conectadas com a sua fé na volta do monge e na confiança que tinham com aqueles que diziam se comunicar com o mesmo. Manoel, que mantinha contatos regulares com José Maria, recebia as ordens deste e transmitia para o povo. "Logo os moradores do reduto começam a não mais poder sair livremente daquele território." (AURAS, 2001, p. 76). Diariamente eram realizadas no pátio da igreja com todos os presentes, rezas e gritos de viva ao monge e a monarquia.[17]

[17] [...] a monarquia era a "lei de Deus" e a república era a "lei do diabo" Esta "preferência", é claro, não resultava de um conhecimento da especificidade política de ambos os regimes. Resultava, sim, do fato de que a república estava ligada a um contexto que espoliava e, por esta razão, tinha que ser negado. (AURAS, 2001, p. 51).

> [...] Nelas é que Manoel comunica as ordens do monge e aplica as penalidades necessárias. Aquele que, porventura, ainda manifestasse comportamento cético – frente a todas as evidências da presença de José Maria – Passaria a levar corretivas surras. Manoel, o mediador do monge, não mais tolera infrações à fé. Sae ele estiver enxergando José Maria entre as nuvens, todos também o verão. (AURAS, 2001, p.77).

As ações eram coletivas, a fé era coletiva, portanto, tudo se compartilhava entre todos. Manoel mesmo sendo, de certa forma, uma liderança, tudo aquilo que ele via, os seus semelhantes também eram capazes de enxergar. A violência, surgia como forma de disciplina para não haver rupturas interna nos movimentos. Tudo era de todos, todo mundo comia igual, tudo era compartilhado por todos:

> No reduto havia fartura. Quando necessário, o gado para o churrasco era comprado nas redondezas e pago no ato, pois vários fiéis trouxeram alguns recursos financeiro proveniente da venda do que tinha anteriormente. Alguns caboclos cultivavam alimentos em quintais. Havia um relativo estoque de animais no interior da própria "cidade santa". **Tudo era igualmente repartido entre todos**. (Idem, p. 77. **GRIFO NOSSO**).

No sistema capitalista comum, não existe a prática da comuna, do dividir e compartilhar os pertences. Na organização cabocla, este fenômeno ocorreu, e se deu pelas vias da igualdade entre os pares. Ambos filhos de Deus, seguidores do mesmo monge, com suas casas e terras espoliadas pelo Estado Republicano que não os reconhecia como membros da pátria.

Em meio a combates contra as forças militares, após tomarem conhecimento de que não havia mais ajuntamentos dos sertanejos na Vila Nova do Timbó, os militares se retiraram da região, pois haviam localizado apenas algumas mulheres e crianças. A saída das tropas daquela localidade trazia para os sertanejos a certeza de que "mais uma vez, tudo fora obra da firme ação protetora de José Maria." (AURAS, 2001, p. 98).

Na organização e funcionamento da irmandade cabocla e suas demandas frente aos novos tempos, os sertanejos nos redutos unificaram-se a partir de três pilares fundamentais: a fé no monge e no seu retorno; a organização da vida nos redutos e a divisão de tudo que possuíam. Dessa maneira, foi possível aglomerar tanta gente por tanto tempo de espera pelo retorno do monge e enfrentar as mazelas do imperialismo em forma de modernidade na Primeira República do Brasil.

## 4.2 IRMANDADE E SOLIDARIEDADE

A presença do monge despertou nos sertanejos uma certa cosmovisão de mundo articulada sob a concepção religiosa que carregavam após a passagem de monges no território Contestado. O caboclo, se revoltou com a República após "a fácil aquisição de terras do Estado pelos sindicatos estrangeiros." (QUEIROZ, 1966, p. 201). Estes e outros fatores possibilitaram a construção de laços de irmandade e solidariedade dos antigos moradores da região do Contestado. "Ao articularem sua visão de mundo, os caboclos desarticularam ao que correspondia à normalidade vigente no mundo oficial da República Velha, o mundo dos 'coronéis', da igreja, da Brazil Railway e Brazil Lumber e das forças oficiais da República brasileira." (AURAS, 2001, p. 154).

Negando o mundo econômico que se desenvolvia no âmbito dos processos históricos vigentes, os sertanejos mudaram através da fé a relação social que estavam inclusos. Mesmo em maioria numérica na região contestada, havia dificuldades, sobretudo econômico-política, que impedia a sua competição contra os males do novo mundo. Foi a percepção destas mudanças que levaram os caboclos para longe dos laços antes construídos com os coronéis e para perto da irmandade cabocla. Isso faz com que "a decisão de morar nos redutos e tornou possível vida em comum através da busca da coesão do grupo." (Idem, p. 154).

> É na irmandade, em razão do exposto acima, que encontraremos elementos constitutivos do conteúdo da sociedade almejada pelos sertanejos: a igualdade ("quem tem mói, quem não tem mói também, e no fim todos ficarão iguais", "o que um tinha, tinha que repartir"); a fraternidade ("tudo é irmão, irmã); a escolha dos dirigentes pelo consenso do grupo; o fim da propriedade privada tal qual se apresentava então (daí a queima dos cartórios, a derrubada das cercas e a destruição da sede das fazendas). (AURAS, 2001, p. 167/8).

## 4.3 ORGANIZAÇÃO E PRÁTICAS NOS REDUTOS

O mundo que os sertanejos conheciam foi modificado pelas mudanças econômicas através da presença do capital internacional. As relações sociais foram alteradas a partir da chegada do capital na região contestada que não reconheceu a presença de caboclos,

de pequenos posseiros e de indígenas. A capacidade de organizar os caboclos nasceu nos núcleos sertanejos: os famosos redutos. Dentro dos redutos era imprescindível a continuidade das práticas religiosas aprendidas com os monges.

Munidos de armas e rebeldia, os sertanejos, sob uma bandeira com a cruz verde no centro, reuniam homens e mulheres que se sentiram injustiçado com a presença das empresas estrangeiras. Boa parte das pessoas que compunham o grupo de seguidores do monge, partiram do sistema de compadrio presente no sistema do coronelismo. Eram comuns neste sentido a exigência da liquidação de uma série de coronéis odiados pelos membros do movimento. "Entretanto, não é difícil perceber implícita ou latente esta exigência em todas as atividades do povo dos redutos, em sua práxis." (QUEIROZ, 1966, p. 203).

O movimento organizado demandava, em sua práxis, uma espécie de respeito com aqueles que aderiam com as causas daquele movimento, considerada "santa". No entanto, havia uma lei para aqueles que não os acompanhavam: o incêndio das propriedades dos homens contrários ao movimento.

A espera por uma mudança estrutural demandava, sem dúvidas, da pegada em armas. No entanto, era imprescindível a organização da população- em alguns redutos poderiam chegar a 5 mil pessoas em outros até 300 habitantes como aponta Mauricio Vinhas de Queiroz (1966) – para dar continuidade as atividades internas, dentre elas a criação de animais, plantação de cereais e as orações e práticas religiosas que relembravam a existência dos monges. "Nada lhes faltaria para uma guerra de muitos anos. Contavam com recursos de fora e as propriedades dos que não os acompanhassem seriam saqueadas em favor da guerra santa." (Idem, p. 205).

Os Pares de França era formado por um grupo de homens que se concentravam na proteção e policiamento dos redutos. Eram em ordens os responsáveis pela aplicação das regras contra os "vacilantes" do movimento e levar o terror para os inimigos. Eram homens especializados no manejo de facões e espadas, tendo bom desempenho nos combates corpo-a-corpo. "Embora pareça que se tenha cogitado de criar outros grupos de *pares de França* nos demais acampamentos, essa instituição só existiu e funcionou de maneira permanente no reduto-mor." (QUEIROZ, 1966, p. 209).

Os pares de França possuíam não só importância militar como também religiosa. Eram "considerados 'apóstolos' e também 'nobres cavalheiros de São Sebastião'.

Levavam consigo, dentro de patuás, orações que julgavam fortíssimas para fechar o corpo. [...] não só defendiam das balas inimigas [...] ao mesmo tempo, consagravam e protegiam as suas terríveis espadas." (Idem, 209).

Sempre que uma nova pessoa chegasse ao reduto, era necessário passar por uma cerimônia de purificação. Os responsáveis pelo recrutamento voluntário eram os pares de França.

> O recruta, genuflexo, olhos voltados para o céu, mãos postas, pede perdão a todos os santos e a José Maria dos pecados cometidos. Em alguns casos, havia troca de nomes: até jagunço de cinquenta anos / o próprio nome mudava / de Pedro virava para Paulo. Esse último costume, que perdurou durante todo o movimento, era obrigatório sempre que o indivíduo possuísse antes um nome que pelos fanáticos não fosse conhecido como nome de santo. Neste caso a cerimônia significava um verdadeiro rebatismo. (QUEIROZ, 1966, p. 215).

Dessa forma se criou entre os caboclos, laços fraternos necessários para continuidade do movimento. O procedimento que de certa forma era religiosa e espiritual, poderia garantir a confiança no outro a partir do momento que este novo individuo, pertencentes ao mesmo grupo de pessoas que possuíam uma mesma fé e objetivos semelhantes. "Lá não podia ser irmão quem não tinha nome de santo." (QUEIROZ, 1966).

Outra prática comum dos redutos foi o provimento de mantimentos nas fazendas vizinhas. Buscavam sempre o milho, a farinha, feijão e a carne de porco. Era comum, também, o encontro de armas e todo objeto que poderia ser útil para o movimento (QUEIROZ, 1966). No entanto, possuíam certa cautela quanto aos mantimentos do governo, pois acreditavam que "o mantimento era envenenado." (Idem, p. 214).

Dentro do reduto era comum a aplicação de uma moral sexual. A principal delas era o respeito para com as mulheres, quem ultrapassasse os limites "seria passado pelas armas". Isso se dá principalmente pelo respeito que os caboclos tinham pelos núcleos familiares, tanto as suas como as dos inimigos. A poligamia também era uma prática inaceitável. Conta uma testemunha presente na obra de Alfredo Lemos (1954) que quase foi morto por possuir duas mulheres, o que lhe ajudou que poupassem sua vida, foram suas barbas e cabelos cumpridos, o que indicava que não vagava pelos redutos, já que era prática a retirada de pelos por parte dos homens.

É fato documentado que quem não se curvava às normas internas sofriam castigos e penalidades conforme o grau de desobediência. Não era comum a cantoria, no entanto,

a trova (como era comum no tempo em que Adeodato era comandante geral) e as rezas eram práticas cotidianas. O castigo mais comum era da surra de sete varadas e também castigos aplicados por desentendimentos entre os irmãos.

"Todos os dias, de manhã às oito horas e de tarde por volta das quatro, havia as formas, para as quais os fiéis eram convocados por meio de cornetas, e não podiam faltar, a não ser que tivessem motivos muito sérios." (QUEIROZ, 1966, p. 217). Reunia-se todos os membros, de maneira organizada, com a bandeira principal todo branco com uma cruz verde no meio, além de outras, como as vermelhas com uma pomba branca no centro. Neste momento era dado os vivas a José Maria, São Sebastião e a monarquia. Todos participavam daqueles ritos habituais, seguidos das rezas.

## 4.4 TÁTICAS DE COMBATE E RESISTÊNCIA CABOCLA

A relação com o monge era importante para o movimento do Contestado. Suas profecias não só se comprovavam no movimento real dos acontecimentos, como eram fontes de inspiração para muitos sertanejos. A profecia de que voltaria a vida após sua morte no Irani, não se concretizou por motivos óbvios, mas que trouxeram forças de inspiração para o movimento do Contestado.

> Três meses depois que José Maria morreu, pela segunda viagem, notei um certo movimento naquele povo; todos saiam na entrada em que eu passava e perguntavam-me o que eu sabia da guerra de São Sebastião; eu nada podia dizer, pois nada sabia. (LEMOS, 1954, p. 20).

Além da inspiração divina, o monge se preocupou em deixar seus afilhados aptos para o combate. "José Maria teria treinado o seu povo para o entreveiro a facão, e disse a todos que fossem bem devagarinho até o momento que ele dissesse *vamos*!". (Idem, p.19). A esperança do retorno de José Maria em Taquaruçu, movimentou os sertanejos até a localidade, onde seria o seu retorno, formando-se redutos que se desenvolveriam com a chegada de fiéis. O longo período do massacre do Contestado foi prolongado devido à espera dos sertanejos pela volta do Monge.

> [...] José Maria não tinha vindo ainda, assim continuavam esperando; três anos de luta barbara, José Maria nunca mais apareceu; aquele pessoal rezava muito e todos os dias faziam formar o povo e começavam a gritar

> *Viva São Sebastião, Viva seu José Maria, Viva a Monarquia!* Isto diariamente. (LEMOS, 1954, p. 21).

Parte da estratégia utilizada pelos sertanejos, partiram da fé. Em um momento do combate contra a tropa de 80 homens comandadas pelo Capitão Euclides de Castro, Eusébio reuniu mulheres e crianças e partiram em direção à força policial, com gritos de viva a José Maria, fazendo recuar a tropa, que nessa altura já contava com metralhadoras de grande porte para o combate. Para a sorte dos sertanejos, a mesma não funcionou, pegando apenas um tiro na perna de Eusébio.

Num outro dia, os rebeldes decidiram reagir à investida da força militar. Avançaram a Curitibanos, cidade vizinha, causando pânico na cidade. O Coronel Virgilio Pereira apontou pela cidade alarmando "Vêm os fanáticos!". (LEMOS, 1954). Alfredo Lemos em ato de coragem afirma ter apontado na esquina da cidade com seu Winchester, frente a investida dos caboclos acompanhados do comandante Praxedes Gomes Damasceno. Após 30 minutos de tiroteio, com a morte de dois caboclos, pediram o cessar-fogo. Praxedes apenas exigia do Coronel Albuquerque as suas cargas, que muito ajudavam o movimento dos sertanejos, no qual foi respondido com 5 tiros no peito. (LEMOS, 1954, p. 23).

Nesse momento, os sertanejos fugiram visando a proteção de sua vida, somente um encorajado grupo manter-se-á em pé:

> [...] um pequeno grupo, onde só um atirava: era o baiano Benevenuto, acompanhado de 7 meninos menores. Benevenuto atirava com o mauzer do soldado que tinha ficado ferido em Taquaruçu e já tinha fugido dali. (LEMOS, 1954, p. 23/24).

Os sertanejos possuíam poucos recursos para sua luta, poucas armas, poucas vestimentas, poucos alimentos. Importante notar que tudo devia ser perfeitamente aproveitado. Diversas das armas conquistadas pelos sertanejos, se davam em vias de combate. Ao derrubar um inimigo, uma arma lhe é garantida.

Com base na análise colhida das fontes, percebe-se que após a morte do monge, houve uma sucessão de líderes. As meninas, em sua maioria garotas virgens, eram santas que recebiam visões e profecias após contatos de maneira espiritual com o falecido monge José Maria. Aos homens, eram em sua maioria homens bons de combate, com bons históricos e postura firme. A escolha não se dava de maneira "democrática" por votação,

mas de maneira autonoma.[18]Como aconteceu com Acelino Ferreira de Souza, o Santo. (LEMOS, 1954, p. 31).

Durante os longos três anos de espera pelo Monge em Taquaruçu, as investidas dos coronéis locais e polícias dos estados de SC e PR eram intensas. No entanto, a tarefa era árdua, pois os sertanejos, enclausurados no meio da densa floresta, tinham capacidade de conhecimento do terreno que favoreciam as ações em combates:

> [...] Era campo aberto de pinhal e vassouras, mas os jagunços que tudo tinham presenciado e que não estavam dormindo, logo que a força entrou no Vassoural, os jagunços começaram a dar alguns tiros raros para frente, avançando a facão pela retaguarda; e gritando "entrevero", avançando por todos os lados. (LEMOS, 1954, p. 29).

Por mais que as forças fossem desiguais (dito isso em questões de capacidade bélica, política e econômica), o caboclo aventurado sabia muito bem manejar um facão e andar pelo mato escuro e denso. O bom desempenho em combate, era de certa forma uma maneira de se ganhar prestígio entre os pares. Quando atacavam pelo mato, já atacavam soldados levando- os para o vassoural, para degolá-lo. "Isso por várias vezes até cair morto, Chamava-se José Pereira." (Idem, p.29).

> [...] Ali os jagunços tinham guardado muitos aperos de montaria e muitos mantimentos e retiraram-se para o hospital de sangue, tendo deixado 80 soldados mortos; uma parte foi trazida em cargueiros para o cemitério [...] Muitos dos soldados foram jogados no rio, ou foram mortos na água. Mais tarde foi achado dentro do arroio, muitas cabeças. Este combate foi o mais celebre da história. (Idem, p,30).

Com o intensificar da vitória dos rebeldes, as forças militares iam recuando, ficando cada vez mais na defensiva, obrigando a população local se recolher para o acampamento das tropas policiais. Isso, de certa forma, se apresentava como avanços para o exército de São Sebastião, entusiasmando os sertanejos rebeldes, fazendo com que os fazendeiros fossem obrigados a correr para Porto União, levando a toda população emigrar daquela localidade.

Em uma das investidas dos caboclos contra homens de prestígio social, como

[18] Como aponta Lenin (2020) a força do movimento que possibilita o fim da sociedade de classes está presente no despertar das massas (camponesas, operárias e trabalhadoras), enquanto a sua estagnação está presente na "falta consciência e de espírito de iniciativa dos dirigentes revolucionários". A ação espontânea tem seu valor, pois apresenta uma forma embrionária de uma ação consciente de um movimento de maior abrangência. Se a falta de consciência e de iniciativa são responsáveis pelo não surgimento de ações revolucionárias, a ação espontânea e autônoma dos indivíduos, são um primeiro passo (mesmo que singelo) para uma ação coletiva de responsabilidade social maior.

Cipriano, fica claro, que estes buscavam enfrentar homens, e não atacavam sumariamente inocentes. Em um destes encontros, a mulher de Cipriano disse aos jagunços que o caçavam em sua residência: "Podem entrar só queremos que nos respeitem". Segundo Lemos (1954) os jagunços responderam "que nada tinha com as mulheres, só queriam os homens." (Idem, p,33). De certa forma, é perceptivo que as ações dos sertanejos eram enfrentar pessoas que possuíam algum tipo de poder social e aquisitivo. Coronéis, Capitães, Fazendeiros. Pessoas de influência que participavam, de certa forma, da organização política e social que foi o Coronelismo[19] no Brasil durante o período que se desenrolava na época do combate.

Há relato também que assim que deixaram as terras de Cipriano, partiram para próxima estrada de ferro. Chegando lá "mataram todos os homens que encontraram, a começar pelos conserveiros da estrada de ferro." (LEMOS, 1954,p. 33). Os guardas da estrada de ferro que sofreram o ataque dos sertanejos enfurecidos, em outro momento foram os que expulsavam os pequenos posseiros de suas terras para a construção da estrada de ferro.

Por mais bem preparados que fossem os inimigos dos sertanejos, os mesmos respondiam com inteligência e um conhecimento inquestionável sobre o território contestado.

Em maio de 1916, por exemplo, à medida que a tropa de 900 soldados comandados pelo General Mesquita avança pelos caminhos difíceis, com troncos de árvore que dificultavam a passagem de cavalos e carroças levando mantimentos e armamentos. "[...] os soldados ouviam com frequência toques de buzina oriundos do interior da mata. Certamente eram os "bombeiros", cuja tarefa consistia, como figuras invisíveis, em acompanhar a caminhadas das tropas e informas os demais companheiros[...]." (AURAS, 2001, p. 96).

As táticas de combate e enfrentamento das tropas policiais e militares, partiam do conhecimento do terreno contestado. Essa vantagem foi crucial para a duração do

[19] O coronelismo é um movimento político que marca a história da Primeira República. Caracterizado por uma relação de dependência e submissão da população pobre em relação aos coronéis detentores do poder público (proprietários de terra e grandes fazendeiros). O poder político da época era exercido através da violência e troca de favores, manipulando votos a favor de seus interesses político-econômicos. A troca de favores permitiam que os coronéis permanecessem na posição de domínio do poder, perpetuando as desigualdades socioeconômicas. Em resumo o Coronelismo é uma aliança entre elites locais e o Estado, mantendo o poder nas mãos de um pequeno ciclo de pessoas de posição econômica elevada.

movimento por tanto tempo, possibilitando vitórias frente as forças policiais e militares.

> [...] protegidos pelos troncos das maiores árvores, os caboclos cercam o acampamento dos soldados (que conseguiram atingir, divididos em grupo de até 12 homens, **deslocando-se agachados ou arrastando-se em meio à mata e os acidentes naturais do terreno**) desfechando-lhes abrupto e intenso tiroteio, sob a já habitual gritaria. Há alguns soldados, fáceis de serem identificados por alguma diferenciação no uniforme, que começam a ser os alvos principais dos sertanejos – os oficiais. (AURAS, 2001, p. 98).

A violência em combate do caboclo, partia da vontade de viver, e também, da vontade de vingar o falecido monge que os tutelaram na trajetória contra a República e o Imperialismo. Os sertanejos, manejavam facões e espadas como ninguém, sendo mais eficazes das espingardas que engasgavam o tiro na mão dos soldados das forças militares. A principal tática de combate do sertanejo, foi a sobrevivência.

# 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos entender as ações dos grupos sociais envolvidos no Movimento do Contestado a partir da sua inserção na totalidade do movimento do desenvolvimento da sociedade de classes, a sociedade capitalista. Não obstante, levamos em conta que os sertanejos organizados não pertenciam a uma classe trabalhadora urbana e industrial, tampouco, havia entre eles uma noção de participação na luta de classes.

No entanto, o sistema capitalista molda as bases da sociedade estabelecendo diferenças e desigualdade sociais, a partir da sua hegemonia social, isto é, a burguesia detém os meios de produção, os outros grupos são diversos, abaixo desta hegemonia. As contradições de classe se fazem presentes no conflito travado entre o encontro dos sertanejos com o capital internacional, dando continuidade ao motor do desenvolvimento capitalista no mundo moderno: a disputa pela propriedade privada e a dominação de um Estado capitalista, branco e elitista sobre as populações pobres do país.

Vimos neste trabalho que a violência contra o sertanejo se tornou inovadora para o mesmo, forçando-o a rebelar-se contra o sistema que o oprimia. Contra um sistema de governança que nunca conheceu, percebendo somente em primeira instância a violência exercida sistematicamente pelo Estado Republicano. É compreensível, neste ponto, porque o sertanejo humilde negou a República e defendeu uma nostálgica monarquia.

A monarquia não desestruturou um sistema de vida rural de relações estreitas com a terra e sem precisar formalizar domínio ou posse definitiva e estática da terra. O modo de vida dos sertanejos e relacionamentos sociais não se ampliavam muito além das fazendas dominadas pelos coronéis conhecidos ou cercanias de terras devolutas e sem entraves para coletas e usos coletivos ou sistemas de faxinais.

Com isso não se pode afirmar ou garantir inexistência da violência, principalmente numa sociedade de grandes proprietários rurais e disputas agrárias. A solução de conflitos apontava resoluções práticas, ocorrendo no calor do convívio cotidiano. Com a República, as coisas passaram para uma instância burocratizada, opressora e totalmente desconhecida que resultou em pressão e repressão advinda de forças particulares e oficiais do próprio Estado.

As motivações do conflito são específicas, seguiram a própria história desenrolada

e vivenciada pelos diferentes agentes históricos. Cada marca de sua história, é explicada em um passado complexo, de um espaço distante no tempo que carece de abordagens que apontem as circunstâncias, amplidão ou totalidade dos acontecimentos durante os conflitos.

O objetivo geral deste trabalho foi a construção de uma narrativa que partia de estudos e análise do conflito ocorrido, sempre buscando interpretações e possibilidades de compreensão dos fatos através das fontes documentais e bibliografias que deram suporte para a resolução dos problemas abordados durante a caminhada desta pesquisa. Para isso nos debruçamos sobre fontes documentais do governo federal, dos estados envolvidos nos conflitos e também a partir dos relatos disponíveis em bibliografias.

Esta dissertação procurou ir além de imprecisões que apontavam traços de uma história sobre homens dominados de um lado e do outro, os dominadores legitimados como vencedores e, por isso mesmo, consagrados como heróis de um progresso e do desenvolvimento político-econômico. Na Região do Contestado, os oprimidos foram tratados como um empecilho para o desenvolvimento e o progresso. Desqualificados, justificou-se a violação de seus direitos e de suas lutas.

Na contramão deste tipo de narrativas, trouxemos a materialidade das contradições da sociedade de classes. Procuramos mostrar que o opressor não tem nada de herói, nem de protetor da nação, mas sim um grande histórico de abuso de poder, de força e de violação da população pobre. O opressor concretizou os desejos materiais de sua classe através da força contra o oprimido, este último, aqui apontado como um agente histórico, resistiu e lutou com as forças possíveis e disponíveis no seu modo de vida.

As forças dominantes organizaram e construíram argumentos e narrativas para convencimento e justificativas de que as medidas tomadas eram legítimas e válidas para o contexto e as circunstâncias. O movimento do Contestado resultou num confronto que envolveu militares em oposição aos caboclos e sertanejos enfurecidos, no contexto da chegada e imposição da presença do capital imperialista na região.

A questão da institucionalização da propriedade privada apareceu como o pano de fundo durante este trabalho. A posse das terras devolutas ou ocupadas pelos posseiros da Região do Contestado, apontou para um processo violento, comparado ao que já evidenciou Marx em sua obra “O Capital”, que um grupo através das suas próprias justificativas elaboradas por um corpo de pensadores que compõe a sua própria classe,

sobrepõe o domínio da classe sobre as classes mais pauperizadas, para a tomada da posse de sua propriedade e utilização do seu corpo para o trabalho.

No contexto em que vivia o Brasil na passagem do século XIX para o século XX, o país era desejado como fonte de matérias-primas, interesses políticos e econômicos para as nações industrializadas. O conflito armado foi justificado como necessário a partir da ideia republicana de que se era necessário estabelecer a ordem no país para garantir o progresso da nação.

Além de contar com o uso de recursos públicos contra a população civil do Contestado, evidenciou-se a utilização de forças do aparato militar treinada para "hipótese de guerra", e possuindo esta força e conhecimento, despejado sobre uma população pobre de religiosidade própria e com firmeza em uma cultura local, que soava destoante daquilo que os pensadores republicanos imaginavam para a formação da cultura da sociedade brasileira. A noção de ordem imposta para a população rural do Contestado, pode ser percebida da seguinte forma:

> Na consolidação da acepção mais próxima da atual dada ao termo, o pensamento jusnaturalista relacionou ordem como expressão de concórdia, tranquilidade pública, em oposição à desordem como fruto da violência, da inquietação e da anarquia. Os termos "ordem pública", "ordem social", "boa ordem", "segurança e ordem" passaram a ter amplo uso, remetendo à ordem constitucional portuguesa e ao respeito e obediência a lei e garantia da felicidade pública. (SALOMÃO, 2022, p.5).

Para além da interpretação dada pelo autor sobre entendimentos e conceitos de ordem, ela pode ser entendida mais ampla, rompendo as fronteiras da conexão Brasil e Portugal. A ordem atribuída aos rebeldes do Contestado, estava muito entrelaçada a uma obediência e subordinação aos modos de vida padronizados pelo capital e os países industrializados.

Na Região do Contestado extrapolou a noção de ordem pública e social, uma vez que esta ordem pairou sobre a desumanização do indivíduo na era imperialista, acabando com sua cultura, com o espaço que vivia e com as riquezas e fontes naturais das quais usufruíam, suprindo apenas as suas necessidades básicas diárias.

A organização fraterna do sertanejo mostrou a sua ação consciente da realidade material em que estava inserido. Vimos que os pares sociais puderam se rebelar contra as investidas violentas do Estado e do capital internacional, a partir do reconhecimento do

grupo enquanto agentes históricos e donos de sua própria história. Com isso, criaram a organização cabocla, dando início a um sistema de irmandade que possibilitava a ofensiva sertaneja contra o capital em desenvolvimento e os mandantes do poder.

A partir disso, o Estado e a parte da sociedade civil que defenderam a utilização da força militar para colocar a região do Contestado nos trilhos do progresso, criaram e utilizaram de discursos com embasamento cientifico, que justificavam a ação repressora do exército. Fanáticos, bandidos, bárbaros, ignorantes, atrasados, e todos os outros termos pejorativos utilizados por jornais e autoridades da época, após o fim da guerra, serviram para a garantia de que toda aquela violência contra homens, mulheres e crianças pobres eram justificáveis.

Além do discurso o racismo da sociedade também pairava sobre a população cabocla do Contestado. Entrelaçado a noção de modernidade, havia um projeto de colonização estrangeira com mão de obra branca para reocupar aquele território e abandonar os vestígios do passado, taxando os caboclos como os responsáveis pelo atraso do desenvolvimento.

Vimos em autores como Octavio Ianni e Clóvis Moura que na sociedade do pós-abolição, os poderes federais e estaduais passaram a criminalizar qualquer rebeldia dos negros e seus descendentes no Brasil. Largados a beira da pobreza, sem nenhum tipo de inclusão social, qualquer ação de insatisfação por parte de negros, indígenas e caboclos, era violentamente reprimida.

Fato este que se deu para manter os trilhos da ordem e do progresso criados pela Velha República para a almejado desenvolvimento da nação. Este desenvolvimento estava buscando abandonar o passado de escravismo, e os filhos dessa sociedade escravista, não era visto como membro do progresso e do desenvolvimento, mas sim do atraso. Cria-se a partir disso toda uma estrutura de pensamento racista e eugenista que criminalizavam os negros, indígenas e mestiços.

Karl Marx (2011) destacou sobre o processo de produção de uma mercadoria e como é definido o preço da mesma. A diferença entre valor e preço pode ser entendida no modo que isso refletiu na história do Contestado. O pedaço de terra que o caboclo extraía seu alimento na região contestada, cujo espaço era visitado pelos monges e com profecias que se cumpriam no cerne da fé do sertanejo, onde os caboclos, indígenas e pequenos posseiros levavam sua vida de modo tranquila sem a pressa e a pressão do capitalismo,

possuía um valor espiritual e de consumo próprio, para suprir as necessidades básicas da população pobre e humilde no interior do estado de Santa Catarina.

Após o "descobrimento" daquele território pelo Estado, essa terra passou a possuir valor – quem a ocupava foi excluída violentamente – e também passou a possuir um preço de consumo, de produção e de comercialização. O espaço, o terreno e o território passou a ser uma mercadoria incumbida de valores de produção capitalista.

O modo de vida foi modificado com a chegada com capital internacional. Aqueles que usufruíam a terra somente como valor de consumo, valor de subsistência, valor espiritual e cultural, passaram a ser um empecilho para o desenvolvimento capitalista na região. Como Marx (2011) afirmou com precisão, a violência foi responsável por trazer o novo à tona de sua gênese.

## 6 FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. Editora UFSC: Florianópolis, 2001.

BARTH, Fredrick. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo: UNESP, 1998.

CARVALHO, Tarcisio Motta de. **Monarquia Sertaneja x Progresso Republicano**: A guerra sertaneja do Contestado. Disponível em: http://cdn.fee.tche.br/jornadas/2/H10-07.pdf

CUEVA, Agustín. **O Desenvolvimento do Capitalismo na América Latina**. São Paulo: Global Ed., 1983.

ESPIG, Márcia Janet. **O Uso de Fonte Jornalística no Trabalho Historiográfico**: o caso Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre: PUC-RS, 1998, p. 269 – 289. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/27266

_____. **O Corpo de Segurança da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1908 – 1910):** repressão e disciplina dos turmeiros. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772192_e82747fa41ad83820f14e8e23a10b766.pdf

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1961.

GORENDER, Jacob. **A Burguesia Brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

IANNI, Octavio. **Raças e Classes no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

JOAS, Hans. **Guerra y Modernidad**: estudos sobre la historia de la violência en el siglo XX. Barcelona: Paidós, 2005.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

LAZARIN, Katiuscia Maria. **Fanáticos, Rebeldes e Caboclos**: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado (1916 – 2003). Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102399

LENIN, Vladmir Ilitch. **O Que Fazer?** São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: https://library.lol/main/324F814406C9340ACF22529CC929F586

_____. **O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo**. Campinas: Unicamp, 2011.

LUZ, Aujor Ávila da. **Os Fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. Florianópolis: UFSC, 1999.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e atuação das chefias caboclas (1912 – 1916). São Paulo: UNICAMP, 2004.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARX, Karl. **O Capital Tomo I:** crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011. Disponível em: http://libgen.lc/ads.php?md5=1F4194795E7FF0B0CB66B7ED25991A32.

MONTEIRO. Duglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

MOURA, Clóvis. **O Negro: do bom escravo ao mau cidadão**. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1977.

PEREIRA, Vinícius Vieira. Uma Crítica ao Imperialismo na Primeira República no Brasil. *In.* **História Econômica & História de Empresas**. ABPHE, São Paulo, *v. 24, n. 2*, p. 375-403, maio/ago. | 2021. Disponível em: https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/756

PINTO, Alvário Vieira. **Consciência e Realidade Nacional**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, ISEB, 1960.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social**: a guerra sertaneja do Contestado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

RODRIGUES, Rogério Rosa. **Veredas de um Grande Sertão**: a guerra do Contestado e a modernização do exército brasileiro. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/imagens/dossies/contestado/trabalhos/RODRIGUESRo gerioRosa.pdf.

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, Degenerescência e Crime. *In*. **História, ciência e Saúde**. Manguinhos [online], Rio de Janeiro, *v. 15, n. 4, p.* 1151-1182, out./dez. 2008 [1899]. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-506992.

SALOMÃO, Eduarto Rizzatti. A Segurança Pública Brasileira em Perspectiva Comparada: um confronto entre o Contestado e o Rio de Janeiro. *In*. **Revista de História Comparada**. UFRJ [online], Rio de Janeiro, *v. 16, n. 2, p.* 139 – 164, dez. 2022. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/40305

SANTOS, Theotônio. **A Teoria da Dependência: balanço e perspectivas**. Niterói, 1998. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5499595/mod_resource/content/1/Theot%C3%B4nio%20dos%20Santos%20-%20A%20teoria%20da%20depend%C3%AAncia%20-%20Balan%C3%A7os%20e%20perspectivas.pdf

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VALENTINI, Delmir José. **Memórias da Lumber e da Guerra do Contestado**. Porto Alegre: Letra e Vida/ Chapecó: UFFS, 2015.

_____. Adeodato: A Demonização do Último Líder Caboclo. *In* ROCHA, Humberto José da (org.). **Étnicos, Milenários e Bandidos**: história dos movimentos sociais no Sul do Brasil (séculos XIX-XX). – Passo Fundo: Acervus, 2020. Disponível em: https://docero.com.br/doc/xv5ex0n.

BRAZIL RAILWAY COMPANY. **Annual Report and Accounts**. 1910. Disponível em: https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1wMNrTrPVEKT8sntCiPofB1c5SP4yASVw

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO BRASILEIRO: **Regulamento Para os Exercícios de Cavallaria Brazileira**. Imprensa Militar dos Estados Unidos do Brazil, Capital Federal, 1908. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/4208/1/1908_REGULAMENTO%20PARA%20OS%20EXERCICIOS%20DE%20CAVALARIA%20BRAZILEIRA.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO BRASILEIRO: **Departamento de Guerra**. Imprensa Militar dos Estados Unidos do Brazil, Quartel General na Capital Federal, 1909. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https//bdex.eb.mil.br/jspui/bitstre am/123456789/327/1/19090012_BE03ocr.pdf&ved=2ahUKEwjous-6j-xwAhXIGrkGHamYD60QFjAAegQIAxAC&usg=AOvVaw0ekzJf9Itsb-BtheLQiAz. Acesso em: 22 nov. 2021.

CARVALHO, Fernando Setembrino de. **Memórias**: dados para a História do Brasil. 1950. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/contestado/acervo#livros. Acesso em: 31 dez. 2021.

**GAZETA DO COMMERCIO**. Joinville – SC, (1914 – 1916). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=305766&pasta=ano%20191&pesq=Con testado&pagfis=13. Acesso em: 06 out. 2022.

LEMOS, Alfredo de Oliveira. **A História dos Fanáticos em Santa Catarina e Parte de Minha Vida Naqueles Tempos 1913 -1916**. Passo Fundo: Berthier, 1954.

PEIXOTO, Demerval. **A Campanha do Contestado**: episódios e impressões. Rio de Janeiro: Segundo Milheiro, 1920. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/contestado/acervo#livros. Acesso em: 03 dez. 2021.

# 7 ANEXOS – FOTOGRAFIAS

Ana Maria, moradora de Canoinhas, filha do velho Machado que teve a fazenda roubada por um coronel às vésperas do Movimento do Contestado (QUEIROZ, p. 226/7, 1966).

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO I || Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1914 || Nº 8

Grupo mantenedor : Bertholdo Klinger, Estevão Leitão de Carvalho, Joaquim de Souza Reis (redactores) ; Francisco de Paula Cidade, Mario Clementino, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Jorge Pinheiro, Pompêo Cavalcante, Euclydes Figueiredo, Taborda, Amaro Villa Nova.

SUMMARIO

Editorial. — *Parte jornalistica :* Desorganisação militar. — Remonta do Exercito. — Batalha de Tuyuty. — Novas instrucções francezas para o alto commando. — A tactica de cavallaria. — Fabrica de cartuchos e artefactos de guerra do Realengo. — Estudo sobre metralhadoras. — Serviço de sapa em campanha para todas as armas. — Carta de um chim. — As verdadeiras causas das derrotas turcas na guerra dos Balkans. — Os campos de instrucção. — Tactica de artilharia de campanha. — Cartas Metz e Verny. — Effeito das armas, numero de baixas e custo da campanha na guerra dos Balkans. — Uma mobilisação. — Apresentações. — Metralhadoras. — Livros novos. — Expediente.

(Foto do autor: edição n° 08 da revista *A Defesa Nacional*).

Vista parcial de um reduto. Imagem Google. Acesso: 20/11/2023. Disponível em: https://www.ivopitz.pro.br/?arquivo=texcontestado.

Foto do autor. Na imagem estão os três primeiros diretores da serralheria *Lumber* em Três Barras -SC. Disponível no museu histórico do Contestado. Acesso em: 07/07/2022.

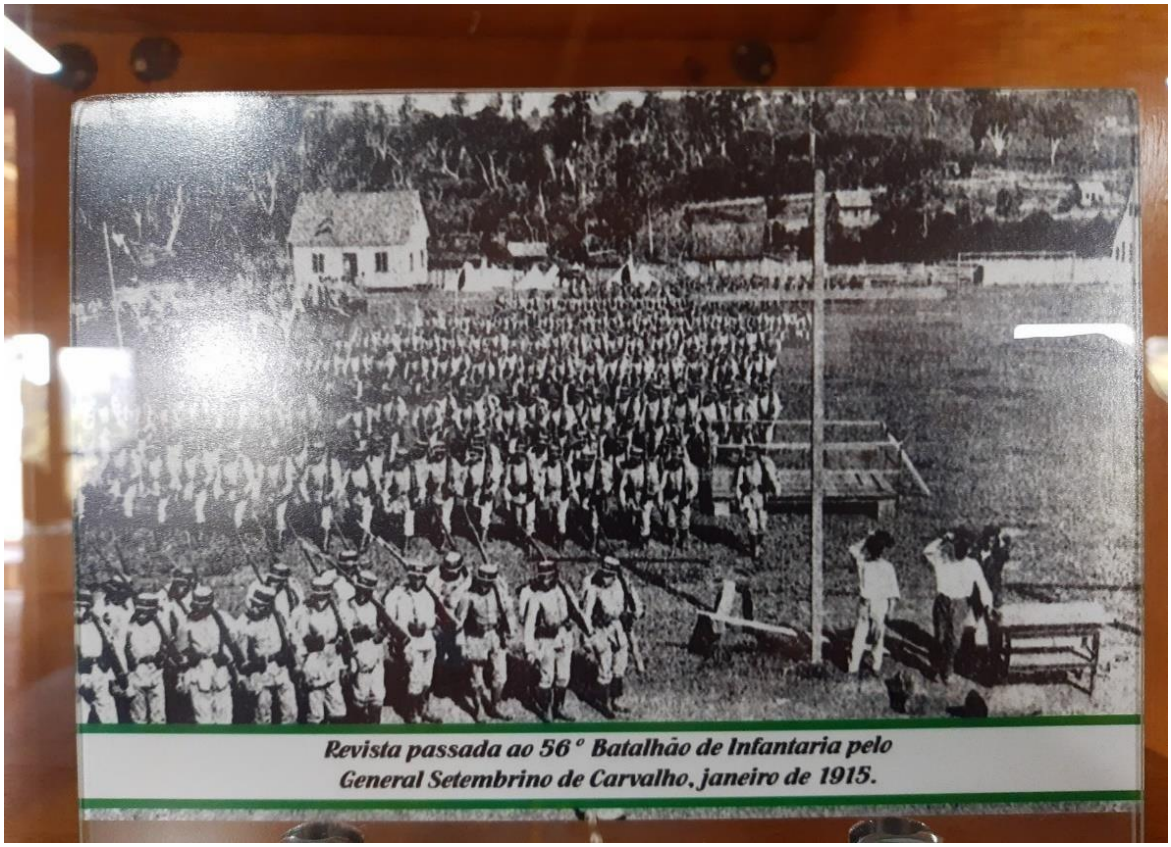



Foto do autor. Batalhão de infantaria do General Setembrino de Carvalho. Disponível no Museu Histórico do Contestado. Acesso em: 07/07/2022.

Foto do autor. Imagem mais conhecido do monge João Maria. Disponível no Museu Histórico do Contestado. Acesso em: 07/07/2022.

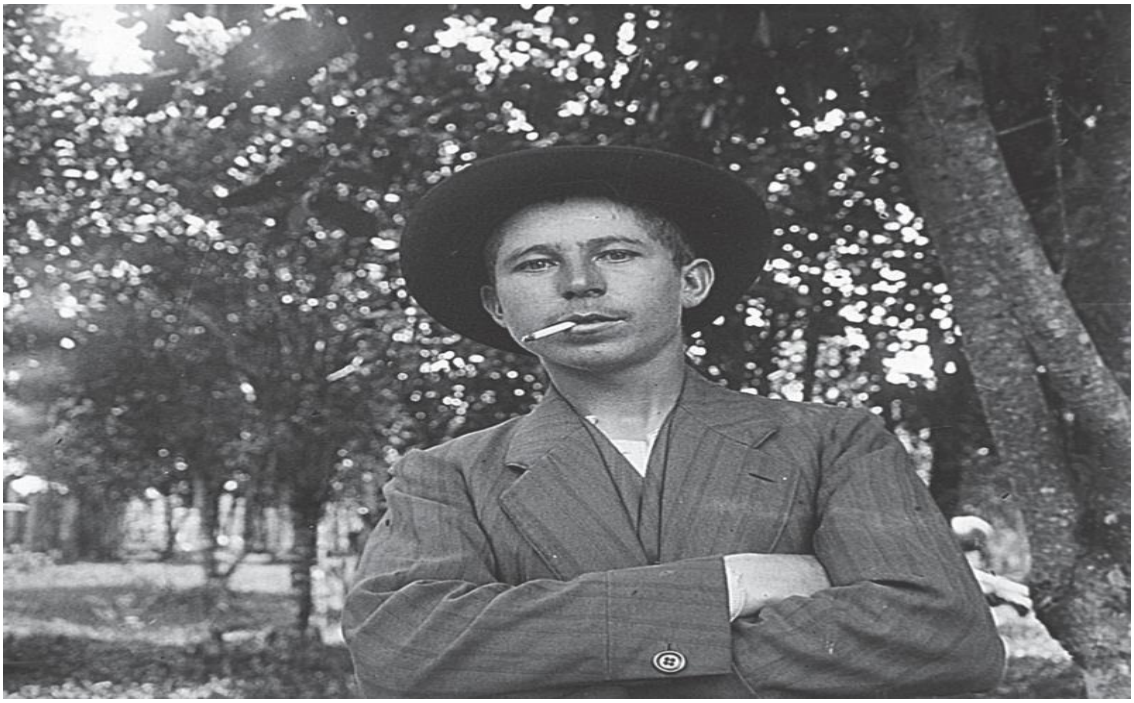
Foto do autor. Museu Histórico do Contestado. Acesso em: 07/07/2022.

"No campo de batalha a tropa em fuga deixou: metralhadora, 40 fuzis e milhares de cartuchos." Manoel Nascimento. Foto do autor. Museu Histórico do Contestado. Acesso em: 07/07/2022.

"Todos na vala comum, pela morte igualados; nenhum melhor que outro aqui jazem abraçados." Dr. Iris. Foto do autor. Museu histórico do Contestado. Acesso em: 07/07/2022.

Na foto, o churrasco oferecido aos vencidos, que nos últimos dias, em seus redutos, chegaram a comer couro, pois além das doenças (principalmente de tifo) a fome assolava. Imagem presente no livro Revelando o Contestado: imagens do mais sangrento conflito social do Brasil nas lentes do sueco Claro Jansson (1877 – 1954). Disponível em: https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/Revelando-o-Contestado-imagens-do-mais-sangrento-conflito-social-do-Brasil-nas

Alguns fazendeiros com moradores da região. Imagem presente no livro Revelando o Contestado: imagens do mais sangrento conflito social do Brasil nas lentes do sueco Claro Jansson (1877 – 1954). Disponível em: https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/Revelando-o-Contestado-imagens-do-mais- sangrento-conflito-social-do-Brasil-nas



Jagunço Alemãozinho negociou bem a sua rendição e de sua companheira Chica Pelega. Imagem presente no livro Revelando o Contestado: imagens do mais sangrento conflito social do Brasil nas lentes do sueco Claro Jansson (1877 – 1954). Disponível em: https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/Revelando-o- Contestado-imagens-do-mais-sangrento-conflito-social-do-Brasil-nas

“Fanáticos” após a rendição em Canoinhas, Janeiro de 1915, além de contar com a presença de índios da região. Os índios, antes mesmo do Movimento do Contestado, lutavam e confrontavam os colonos brancos no intuito de proteger suas terras. . Imagem presente no livro Revelando o Contestado: imagens do mais sangrento conflito social do Brasil nas lentes do sueco Claro Jansson (1877 – 1954). Disponível em: https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/Revelando-o-Contestado-imagens-do-mais- sangrento-conflito-social-do-Brasil-nas

legais de defesa da Serraria Lumber, em Três Barras. Imagem presente no livro Revelando o Contestado: imagens do mais sangrento conflito social do Brasil nas lentes do sueco Claro Jansson (1877 – 1954). Disponível em: https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/Revelando-o-Contestado-imagens-do-mais- sangrento-conflito-social-do-Brasil-nas

A fé arraigada do povo do Contestado. Denominados Exército Encantado de São Sebastião, na ausência dos monges, ainda celebravam os rituais cristãos. Imagem presente no livro Revelando o Contestado: imagens do mais sangrento conflito social do Brasil nas lentes do sueco Claro Jansson (1977 – 1954). Disponível em: https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/Revelando-o-Contestado-imagens-do-mais- sangrento-conflito-social-do-Brasil-nas

Última foto do coronel João Gualberto, antes de partir para o Irani. Imagem presente no livro Revelando o Contestado: imagens do mais sangrento conflito social do Brasil nas lentes do sueco Claro Jansson (1877 – 1954). Disponível em: https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/Revelando-o-Contestado-imagens- do-mais-sangrento-conflito-social-do-Brasil-nas

Sertanejos cortado pinheiros, arvore que serviam para construir suas casas, o paiol e as cercas dos redutos. Além de produzir o pinhão que servia de alimento durante o intenso inverno, também produzia alimento para as criações de porco. Entre os pinheiros também nascia a erva-mate, uma das principais fontes de alimento do sertanejo. Imagem presente no livro Revelando o Contestado: imagens do mais sangrento conflito social do Brasil nas lentes do sueco Claro Jansson (1877 – 1954). Disponível em: https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Galeria-de- Imagens/Revelando-o-Contestado-imagens-do-mais-sangrento-conflito-social-do-Brasil-nas

A construção da linha de ferro. O trem acelerou o processo de desmatamento da região. A Lumber também se empenhou no processo de cortar madeira. Imagem presente no livro Revelando o Contestado: imagens do mais sangrento conflito social do Brasil nas lentes do sueco Claro Jansson (1877 – 1954). Disponível em: https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/Revelando-o-Contestado-imagens-do-mais- sangrento-conflito-social-do-Brasil-nas